

VIAGENS NA MINHA TERRA

A HISTÓRIA DO
DESENVOLVIMENTO
E DA MIGRAÇÃO
CENTRO-OESTINA



RAFAELA REIS SERRA

Título do Livro:

Viagens na minha Terra: a história do desenvolvimento e da migração
centro-oestina

Autora:

Rafaela Reis Serra

Capa:

Rafaela Reis Serra

1ª Edição 2023

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida 2. Geografia 3. História 4. Biografia 5. Centro-Oeste (Brasil)

Todos os direitos desta obra são reservados à Rafaela Reis Serra

E-mail da autora: rafaela_serra@hotmail.com

Viagens na minha Terra

A história do desenvolvimento e da
migração centro-oestina

Rafaela Reis Serra

São Paulo, 2023

À Lina e Sebastião, que deixaram seus legados para a eternidade

*O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro
(BUARQUE, Chico – Paratodos, 1993)*



Introdução

Tudo se iniciou antes de entrar no jornalismo. Meu Trabalho de Conclusão de Curso começa a partir da minha própria história pessoal, a qual vivi 23 dos meus 29 anos sem saber minha real origem e isso me atormentou por boa parte da minha vida. Meus pais são de Cuiabá, Mato Grosso e, além da questão da ancestralidade, uni-se a discussão do não sentir o pertencimento real a algum lugar, uma demanda de formação de uma identidade. No decorrer dos anos, percebi que não estava sozinha nessa busca, e que muitas pessoas de origem africana e tantos outros brasileiros, que até conhecem uma parte de sua ascendência, porém outra é nebulosa.

Por um tempo, o meu interesse por minhas origens ficou adormecido, até em 2018 meu avô revelar a minha mãe que temos uma ascendência de algum país europeu – que ainda vou descobrir –, a partir de uma foto dos parentes dele em Jataí (GO), no século XIX, junto a nossa suposta ancestralidade indígena e portuguesa já conhecida.

A região do centro-oeste sempre foi uma incógnita para mim: já ouvi desde “Mato-Grosso do Norte”, “Cuiabá tem praia?” até “quem se importa com o centro-oeste?”. Sempre me deixou incomodada essas perguntas, porque muita gente não conhece seu próprio país. E sempre me questioneei: “Por que as pessoas não conhecem lá?”, “o que faz de lá supostamente menos importante que outros estados brasileiros?”. Esse desagrado me acompanhou pela minha vida até que escolhi o jornalismo como profissão. Sempre fui uma pessoa curiosa, que gosta de inovar. Como o tema de desenvolvimento e migrações do centro-oeste é pouco explorado, apesar de, após estudos, descobrir o protagonismo de Brasília como responsável pelo novo progresso econômico-populacional, resolvi fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre o assunto. Diante de todo o esforço governamental de povoamento regional, o tema é infimamente comentado, então meu livro é uma ode à região, ao Brasil e à minha história, mostrando a importância de sabermos primeiramente mais sobre o nosso do que sobre o outro.

Minha família veio do centro-oeste. Meus parentes moram no centro-oeste. Nasci e cresci em São Paulo apenas com meus pais e meus dois irmãos, então nunca fui muito ligada aos meus primos, avós e tios. Esse resgate foi uma forma de me conectar

com as minhas raízes. Conheci muita gente, revi pessoas que há muito não encontrava e conheci parentes que nunca tinha visto ou ouvido falar.

Dito tudo isso e analisado a situação, resolvi encarar esse desafio. Foram três viagens durante o ano de 2023 no período de quase um mês. Muita pesquisa, várias entrevistas, viagens em cidades no interior do centro-oeste e em duas de suas capitais. Foi um ano imersivo em uma cultura que conheci mais jovem, mas sem o olhar analítico de especialista ou de jornalista. Agora encontrei algumas repostas em perguntas nas quais se transformaram em outras com mais profundidade.

Descobri um Brasil muito diferente do qual eu conheci: nasci e cresci em São Paulo, capital. Por quase um mês, não corrido, vivi em uma cultura em que não existe pressa, nem rodízio para carros; as cidades são tão pequenas que não existe metrô; em que as pessoas conseguem beber uma cerveja no final do dia, mesmo sendo uma segunda-feira; um ambiente em que muitos se conhecem e não existe aquele estranhamento como em São Paulo. As pessoas parecem mais humanas e carismáticas. Vendo tudo isso, despertou em mim a vontade de conhecer outros povos e cotidianos e não ficar mais presa em uma cidade em que as pessoas parecem estar ficando doentes e agem como robôs. Precisei conhecer outros lugares para abrir minha mente. E devo isso a este trabalho.

Apesar de ser lindo na teoria, tocar no assunto “família” é um tanto quanto delicado: descobrimos algumas coisas que não gostaríamos de saber; pessoas que deveríamos admirar, infelizmente possuem traços dúbios de personalidade. Também pode tocar em feridas não cicatrizadas, das quais nunca serão superadas, apenas apaziguadas: meu avô paterno, que morreu em 2009 e minha avó materna, que morreu em 2010. Infelizmente, suas histórias particulares nunca serão registradas neste livro, as pessoas que os conheciam muitos já se foram, mas ficarão a lembrança, as saudades e o legado deixados por eles: seus filhos, seus netos e as gerações posteriores, que graças a eles, poderão também contar suas próprias histórias.

É sobre o ser, sobre a identidade de uma nação inteira que foi dominada por colonizadores, forjada na dor e na mestiçagem; é na política de imigração imposta que visou embranquecer a população; tudo isso resultou neste Brasil formado por milhares de pessoas que desconhecem sua verdadeira origem. Meu trabalho também busca valorizar a ancestralidade dos povos originários, dos povos africanos, dos livres pobres que foram essenciais para a formação da sociedade brasileira.

Em uma reportagem da *Você S/Ade* 2021, *Mapeamento Genético permite conhecer o passado de até 8 gerações*, mostra que, desvendar a origem dos familiares ajuda a compreender melhor quem somos e o papel que desempenhamos no mundo, segundo a psicogenealogia.

Desde que idealizei este trabalho eu sabia que seria um processo longo e cansativo, com gastos de dinheiro, emocionais e de energia. Meu pai aceitou entrar nessa aventura. Já havia falado com ele antes, no final de 2022, e no começo de 2023 retomei a conversa sobre a nossa epopeia. “Pai, meu TCC falará sobre a minha origem. Avisaram que terão gastos, por causa daquelas viagens que pretendo fazer. Você ainda topa?” Meu pai, um homem um tanto introspectivo, de difícil leitura, demonstrando seus sentimentos da forma mais contida possível apenas respondeu “já falei que topo”. E então começou nossa aventura pela descoberta de minhas raízes e de certa forma, das dele também.

Entrevistamos Ailton Segura, autor do livro sobre meu avô Sebastião e sua importância em um bairro de Cuiabá: esta parte eu diria que foi uma das mais emocionantes, junto com a ida à Fazenda em que minha avó nasceu e descobrir minha origem espanhola materna através de um primo que faz uma pesquisa familiar há 36 anos. Emocionei-me em diversos momentos da construção desse projeto e eu espero que o leitor consiga captar a mesma sensação que me foi sentida.

Meus pais são de origem humilde: sou a primeira dos meus irmãos a me formar; da família da minha mãe sou a 4ª de 18 primos a terminar a faculdade. Chegar onde cheguei é um privilégio.

Essas viagens trouxeram luz para o que quero fazer no jornalismo: andar por aí, fazer o trabalho de campo dessa profissão, entrevistar pessoas na rua e contar histórias. Descobri minha maior paixão. Poder viver diversas experiências, trocar informações, imaginar estar na vida do outro. O jornalista é um contador de histórias, ele dá voz para quem não tem voz; conta histórias particulares de milhares de pessoas que, independente de constituírem grupos afins, são indivíduos únicos; ele dá luz para quem visualiza apenas a superfície. É nosso dever levar a informação mais completa e sem viés da forma mais crua.

Ser essa pessoa que sempre viveu com a impressão de nunca ter pertencido a algum lugar, ou ser um pouco de tudo, talvez tenha me levado para essa profissão apaixonante. Essa gana por descobrir, do curioso, do investigar, a angústia, a curiosidade, o inconformismo, um quebra-cabeça incompleto, que talvez sempre falte

uma peça e que vai fazer dela sua missão de vida. E o aprofundamento do meu “eu”, do “me descobrir”, tenham me levado para o jornalismo investigativo.

Esta, a qual escreve este livro, é o resultado de uma cultura grandiosa e única, de um Brasil miscigenado e de como o país se desenvolveu desde os primórdios do “descobrimento” português. Escrevo este livro para discutir o processo de desenvolvimento do Centro-Oeste e suas relações com o Brasil à luz da história familiar.

Capítulo 1

O centro-oeste brasileiro: região com particularidades ímpares

O Centro-Oeste é uma das cinco regiões que compõe o Brasil. Situa-se no centro do país, constituído por três estados: Mato-Grosso (MT), com sua capital Cuiabá; Mato Grosso do Sul (MS), cuja capital é Campo Grande; e Goiás (GO), com a capital Goiânia, além do Distrito Federal (DF), esse último onde fica Brasília, a capital de nosso país. É a única que faz limite com todas as outras regiões e não tem saída para o mar.

Sendo a segunda área de maior extensão do Brasil – 1,6 milhão de km² -, e população aproximadamente de 16,3 milhões¹, com 10 habitantes por quilômetro quadrado, fazendo-a a menos populosa, com a segunda menor densidade populacional. Local de clima tropical, temperaturas elevadas - muito quente! -, cuja umidade do ar é baixa: enquanto São Paulo faz 20°C, neste momento, em outubro de 2023, lá está na casa dos mais de 30°C. Há duas estações bem definidas: verão quente, úmido e chuvoso e inverno ameno e seco. Sua vegetação predominante é o cerrado, com gramíneas, árvores esparsas de casca seca e caules retorcidos que, devido ao calor, às vezes entram em autocombustão ou combustão espontânea, sendo uma das causas das queimadas; além do Pantanal e de parte da Floresta Amazônica, mais ao norte. Em seu relevo, de baixas altitudes, predominam as planícies (Planície do Pantanal), as depressões e os planaltos (Planalto Central e o Meridional) – esses últimos, com as famosas chapadas, grandes cânions brasileiros, de beleza surreal. Beleza extraordinária que o Brasil tem em abundância. Entre o estado de MT e MS localiza-se o Pantanal, área pantanosa de vegetação e fauna muito específica, não existindo nada semelhante em nenhum outro lugar do mundo, onde muitas pessoas fazem a prática da pesca. É a maior planície alagada do planeta.

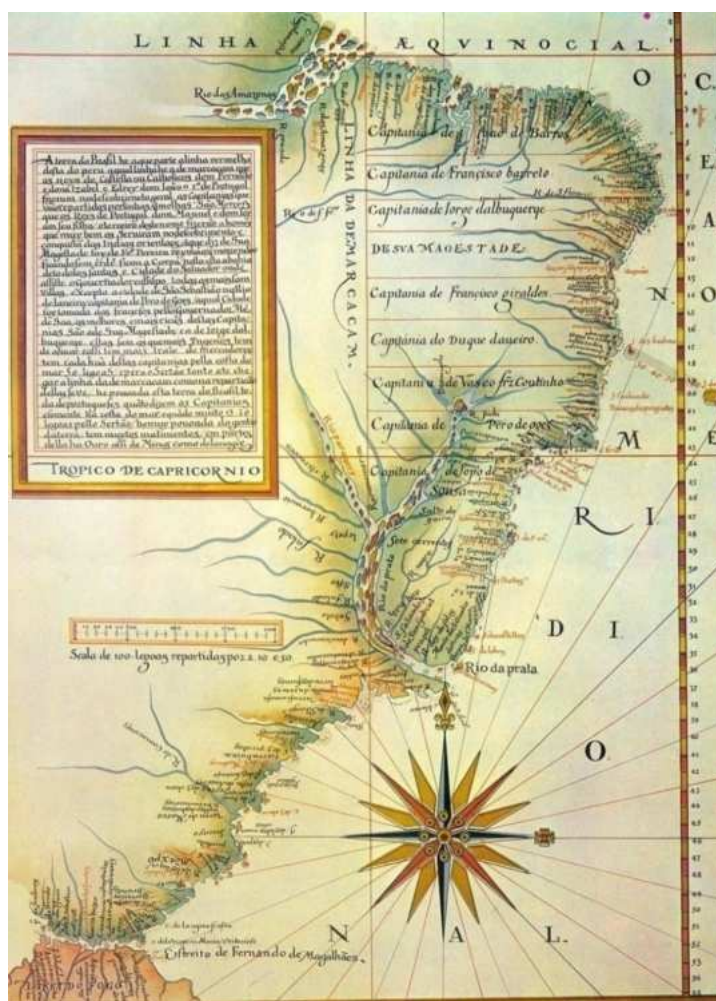
No período das viagens para a produção deste livro, entre maio e outubro, era a época de estiagem, seca. O ponto turístico Véu de Noiva, na Chapada dos Guimarães,

¹ CABRAL, Umberlândia, *De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões*, IBGE, Disponível em: <https://bit.ly/3T1m0gc>

estava com pouca vazão. A Cachoeira da Macumba estava praticamente seca. Não chovia.

Primeiro histórico migracional data de 1700

A região, por estar localizada no interior e mais a oeste do Brasil, demorou a ser povoada. E também, por conta do Tratado de Tordesilhas (1494), que limitou a colonização portuguesa apenas no litoral.



Mapa do cartógrafo, Luis Teixeira, feito em 1574. Da obra "Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas que há na costa do Brasil desde o cabo de Santo Agostinho até ao estreito de Fernão de Magalhães" (original na Biblioteca da Ajuda, Lisboa)²

² Luz, Priscyla M. "Mapa de Luís Teixeira, "Roteiro de todos os sinais,..."". In: Base de Dados BRASILIS: Redes pessoais e circulação no Brasil durante o período da Monarquia Hispânica (1580-1640). Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/pt-br/node/9707>.

Para elucidar a questão, o Centro-Oeste pertencia à coroa Espanhola, conforme o Tratado de Tordesilhas, acordo feito entre Portugal e Espanha, no qual separavam entre as duas nações, a exploração de todas as terras do mundo. Na época, eram as duas maiores potências marítimas. Assim, foi traçada uma linha imaginária - a 370 léguas (1770 km) à oeste das ilhas de Cabo Verde - e o mundo foi dividido em dois: à esquerda dessa linha eram terras pertencentes à Espanha; e à direita, a partir do litoral do Oceano Atlântico, eram terras portuguesas.

Porém, com a União Ibérica (1580-1640), que estabeleceu a união entre os reinos de Portugal e Espanha, os colonos portugueses puderam adentrar mais no interior do continente em busca de pedras preciosas nas regiões dos atuais estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

“Bandeirantes de São Paulo em suas andanças pelo interior, em 1718, descobrem ouro no rio Cuiabá. Para manter contato com essa área longínqua, estabeleceu-se um sistema de transporte por meio de rios, o que é uma das originalidades da História do Brasil, as ‘monções’. Eram comboios de canoas que, por mais de cem anos, ligaram São Paulo aos núcleos mineradores do Centro-Oeste. Dessas minas, o movimento expansionista atravessou o então chamado "mato grosso do rio Jauru" (que deu nome ao futuro estado) (...).³”

Quando foi descoberto o ouro e pedras preciosas no interior, bandeirantes povoaram a região, sendo também o primeiro surto de exploração econômica, proporcionando o surgimento das primeiras cidades. Através da prática do sertanismo, que consistia no aprisionamento de indígenas como mão de obra escrava e a procura e exploração de metais preciosos. “No entanto, foi somente com os descobrimentos auríferos no rio Coxipó-mirim, afluente do rio Cuiabá, a partir de pelo menos 1716, que foram formados ambientes coloniais fixos. Concomitantemente aos descobertos auríferos, formaram-se ambientes rurais que se localizavam ao longo dos rios que levavam às minas e também nos arredores das vilas e arraiais. A cada vez mais efetiva presença luso-americana na região e a articulação desta com outras partes da América

³ FILHO, Synesio Sampaio Goes, *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*, – Ed. rev. e atual. – Brasília : FUNAG, 2015, pág 26

Portuguesa, possibilitou que, entre 1716 e 1727, a colonização consolidasse posições portuguesas no vale do rio Cuiabá próximo aos domínios hispânicos.⁴”

Vale lembrar que o processo de ocupação se deu primeiramente pelas descobertas de ouro pelos bandeirantes e, depois, pela chegada das monções nessas regiões já conhecidas previamente e sua ocupação. Com o objetivo de chegar às minas de ouro, as monções eram exclusivamente rotas fluviais, com roteiros fixos feitos em pontos conhecidos, onde formavam-se arraiais. O historiador e economista goiano, Paulo Bertran, analisa que há pontos comuns entre os dois movimentos, que eram de expansão territorial: as primeiras levaram ao conhecimento da região e a segunda, povoavam. “Sérgio Buarque de Holanda vê as monções como as continuadoras das bandeiras: ‘A história das monções é de certa forma um prolongamento da história das bandeiras paulistas em sua expansão para o Brasil Central. ⁵’”. De São Paulo, muitos deixaram famílias, fazendas e casas para explorar a abundância aurífera de Vila Real do Senhor do Bom Jesus do Cuiabá (atual Cuiabá).

Enquanto vingou a União Ibérica, colonos portugueses adentraram nos espaços antes pertencentes ao Império Espanhol.

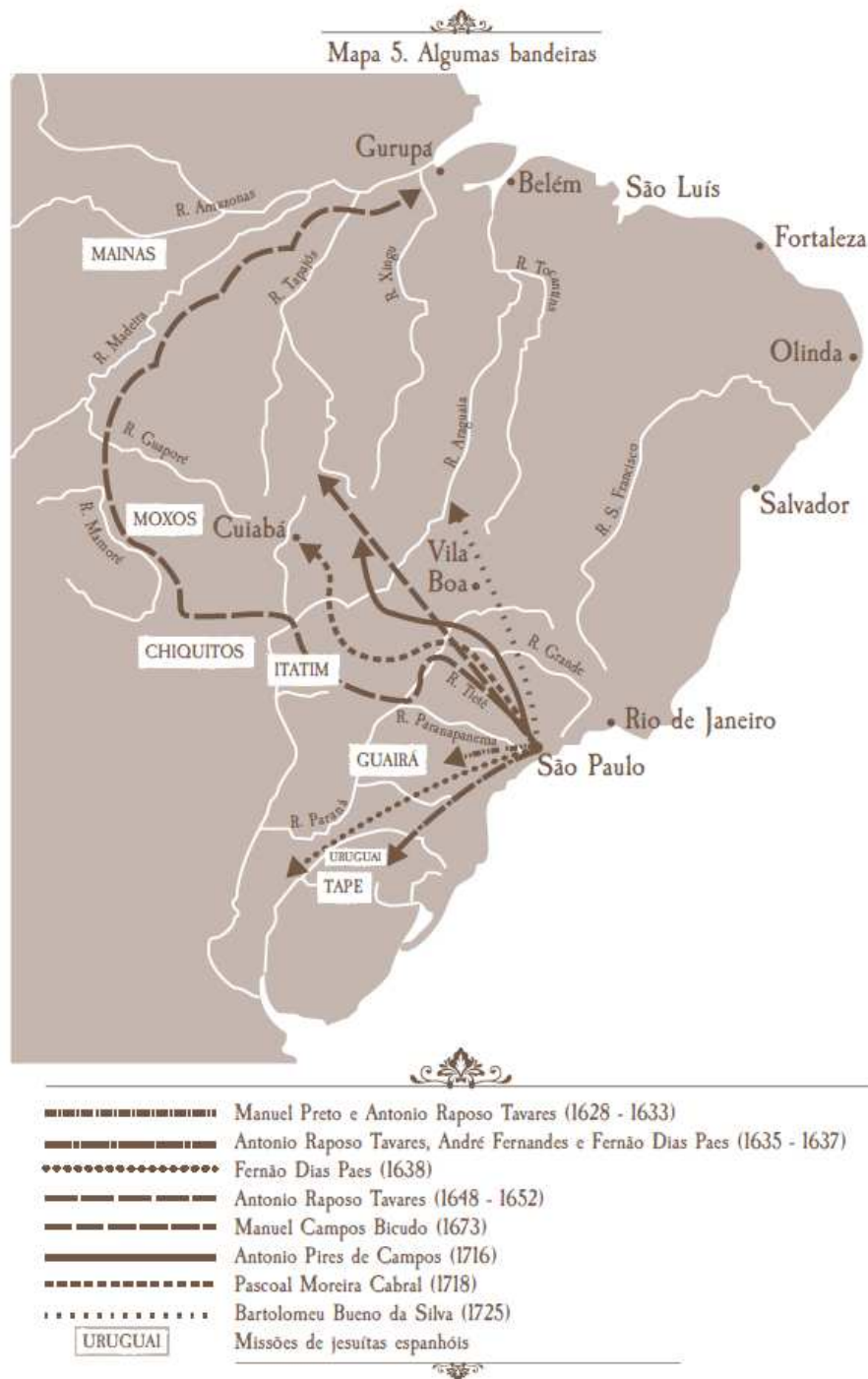
Porém, com seu fim, um novo Tratado foi estabelecido, substituindo o de Tordesilhas: o de Madrid (1750), que passou a delimitar os limites conforme acidentes geográficos – rios, montanhas, cânions, vales, por exemplo - e utilizado o princípio do direito romano, *uti possidetis* - locais que de fato quem ocupava, tinha a posse e, no caso, eram os portugueses.

“A exploração de ouro e pedras preciosas foi a primeira forma de valorização econômica, proporcionando o surgimento dos primeiros núcleos urbanos, alguns deles existentes ainda hoje, como as cidades de Cuiabá, Vila Bela e Goiás. Com a decadência da exploração aurífera, as ligações das regiões produtoras com o exterior e com as demais áreas do país praticamente cessaram. Desde então, a pecuária passou a ser a

⁴ KRAMER, Tiago, *Jogos Monetários Na Fronteira Do Império Português Produção Rural E Comércio No Centro Da América Do Sul (1716-1750)* *, Revista Territórios e Fronteiras V.1 N.2 – Jul/Dez 2008, Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT, pág 244

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque, 1976, pág. 76 apud FILHO, Synesio Sampaio Goes, pág. 178

atividade mais importante, porém, com expressão unicamente local.” (ARBEX, José, *O Brasil em regiões - Rumo ao Centro-oeste*, Cap. 1 - 2ª Edição, 1996).



Mapa de algumas rotas de bandeirantes extra-Tordesilhas, destacando a busca de séculos pelo ouro, resultando nos três grandes centros auríferos do Brasil em Minas (1693), Mato Grosso (1718) e Goiás (1725). Fonte: *Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas* (2015)

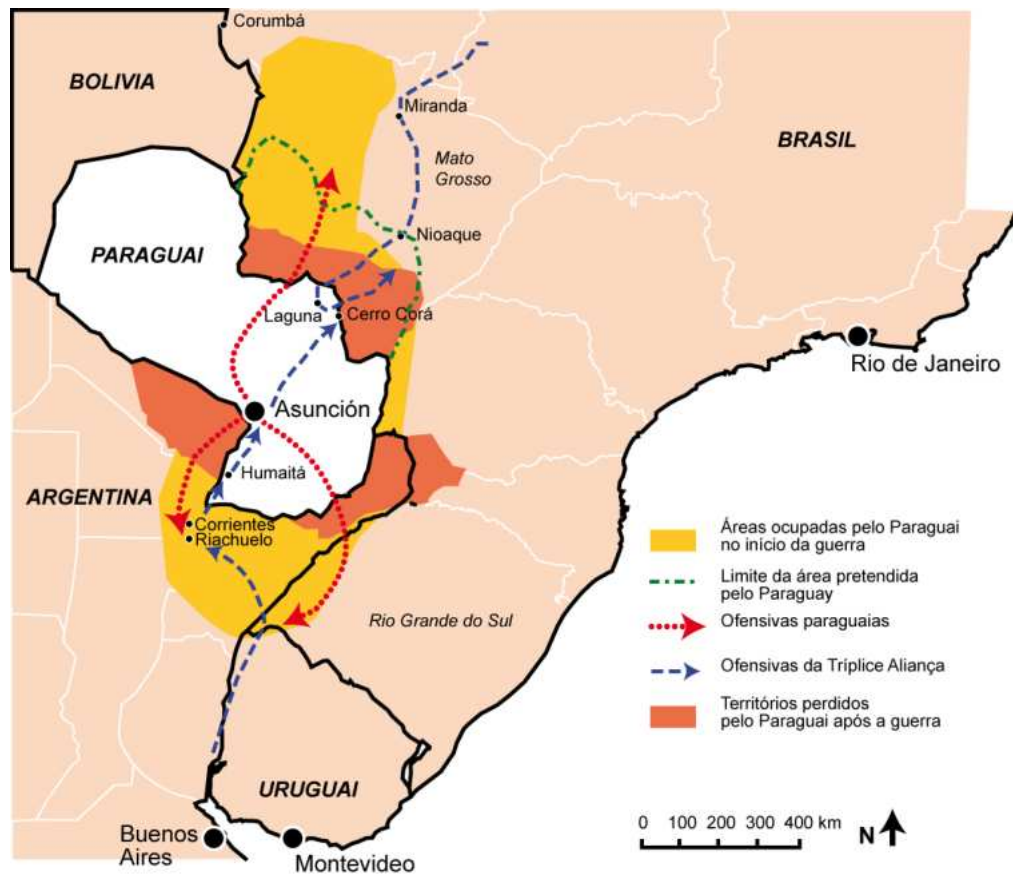
O centro-oeste possui fronteiras internacionais com dois países: Bolívia e Paraguai. Por conta desse último, voltou a chamar a atenção devido à invasão, em 1864, pelo país de Solano López, na Guerra do Paraguai. Após o fim do conflito, foi firmado o Tratado de limites de 1872, conhecido como Tratado Cotegipe-Loizaga, no qual um território - entre os rios Apa e Branco - que estava em disputa entre os dois países foi incorporado ao Brasil, formando parte do atual estado do Mato Grosso do Sul.



Mapa que ilustra a área obtida por Portugal na América do Sul pelo Tratado de Madri de 1750. Fonte: Atlas histórico escolar [por] Manoel Maurício de Albuquerque, Arthur César Ferreira Reis [e] Carlos Delgado de Carvalho. 7. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, FENAME, 1977, localizado em <https://antigo.funag.gov.br/index.php/pt-br/quem-foi-alexandre-de-gusmao>

O centro-oeste possui fronteiras internacionais com dois países: Bolívia e Paraguai. Por conta desse último, voltou a chamar a atenção devido à invasão, em 1864,

pelo país de Solano López, na Guerra do Paraguai. Após o fim do conflito, foi firmado o Tratado de limites de 1872, conhecido como Tratado Cotegipe-Loizaga, no qual um território - entre os rios Apa e Branco - que estava em disputa entre os dois países foi incorporado ao Brasil, formando parte do atual estado do Mato Grosso do Sul.



Mapa 1 da Guerra do Paraguai⁶

Logo abaixo, Mapa 2 da Guerra do Paraguai. Fonte: *Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas* (2015)

No primeiro mapa, podemos ver as áreas ocupadas pelos paraguaios no território brasileiro, as ofensivas paraguaias e brasileiras e os territórios perdidos pelo país de Solano López. No segundo mapa, observamos a parte do território paraguaio cedido ao Brasil e à Argentina após o conflito, consistindo parte do atual Mato Grosso do Sul.

⁶ Hervé Théry e Sébastien Velut, «Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai», *Terra Brasilis* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1908>

Mapa 10. Limites do Paraguai após a Guerra



Nem a descoberta do ouro e nem a proteção da terra foram os suficientes para equiparar o desenvolvimento centro-oestino aos estados localizados mais ao litoral. Porém, vale lembrar que concomitantemente com a exploração aurífera, roças e fazendas começaram o cultivo da pecuária, arroz e outros grãos em pequena escala para a economia local e subsistência. Ainda há relatos de gado na região do Tocantins e Goiás, antes da exploração aurífera. Segundo relato de Cabral Camelo, na região do Rio Pardo, MS, em 1727, descreve a produção de dois ‘pobres roceiros’: “colhem contudo bastante milho e feijão, e o vendem muito bem (...) e as galinhas, porcos e cabras (...). A roça de cima tem já seu canavial e bananal (...)”⁷, produtos formadores da base do agronegócio no local atualmente.

⁷CAMELO, Antonio Cabral, 1727 apud KRAMER, Tiago pág. 11

A seguir trechos do requerimento dos fazendeiros moradores das Terras Novas (1740) ao capitão-general D. Luís de Mascarenhas, falando sobre a expansão da criação de fazendas de gado na região da Bahia, Tocantins e Goiás, antes da corrida do ouro. Voltaram a esses locais apenas em 1730, nos quais, além do gado, faziam o comércio de farinhas, milhões e bananas, já mostrando o desenvolvimento incipiente do setor primário: “(...) no ano de 1697 os moradores do sertão do rio Grande do Sul (atual rio Grande, afluente da margem esquerda do São Francisco) intentaram conquistar o gentio Acoroassu que ocupava então a região das Terras Novas, ‘mas não conseguiram expulsá-los nem levá-los à paz (...)’ Havendo muitas lutas e assaltos dos índios, foram obrigados a retirar-se, deixando os gados...Passados anos, o coronel Garcia d’Ávila Pereira mandou cerca de 400 homens armados para essa conquista, a qual só pôde ser feita até a referida fazenda, que voltou a ser povoada. Em 1708, foram novamente obrigados a retirarem-se, tornando a deixar gado, ‘nesse sertão que conquistaram’ e ‘recomeçaram o seu comércio com as minas de Tocantins e Goiás, os sertões do rio de São Francisco, rio Grande do Sul, Paranaguá e Piauí e as cidades da Bahia, Pernambuco e Maranhão (...)’”⁸

Ainda segundo o autor, nas bordas de Goiás e Tocantins a pecuária antecedia a mineração. “É lícito supor que tenha-se tresmalhado gado sobre os pastos naturais do Alto Paranã e da região do Distrito Federal, ou que tenham se perdido desde os vales do Urucuia e do rio Preto. De fato, quando, em 1722, Bartolomeu Bueno da Silva Filho – responsável pelo povoamento e fundação de Goiás - adentrou a região já encontrou sinais de gado, sentindo-se de todo perdido, escreve Silva e Souza em sua narrativa”

Estradas foram abertas entre as minas de Goiás e as minas de Cuiabá, facilitando a introdução de gados, cavalos e muares nos ambientes rurais.⁹

O historiador, Tiago Kramer, analisa que na região de Cuiabá: “Embora de forma incipiente e não definitiva, houve considerável especialização regional da produção agrária: de áreas voltadas para o plantio de mantimentos para os ‘viandantes’ (nos caminhos fluviais e terrestres); terras para o plantio de cana-de-açúcar e edificação de engenhos (na Chapada dos Guimarães); terras para produção de mantimentos e para expansão das atividades sertanistas (a oeste da Vila do Cuiabá); e áreas destinadas à criação de gado (na parte norte do Pantanal mato-grossense).” Em algumas dessas regiões, havia a expansão da criação do gado e outras abasteciam o comércio local, com

⁸ BERTRAN, Paulo, *História da Terra e do Homem do Planalto Central* págs 62 a 64

⁹ KRAMER, Tiago pág. 19

núcleo voltado à Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, “mas onde se realizavam práticas de exploração cuja expansão exigia ampliação do mercado consumidor.”¹⁰

Como também diz Kramer em *A Paisagem do Pantanal e a ruralidade nas minas do Cuiabá (primeira metade do século XVIII)*¹¹, “apenas após descobertas significativas de veios auríferos nas regiões próximas ao rio Cuiabá que se especializaram, de forma estável e interligada, ambientes coloniais fixos.”¹² Enquanto mineiros dependiam da existência desses para se manterem na região, os comerciantes regionais vendiam para esses viajantes, em uma relação mutualística. Portanto, daí que começam os primeiros povoamentos de colonizadores e, desde então, a sua economia agropecuária, característica regional que permanece até hoje.

Desde então, com o declínio do ouro, houve um longo período de estagnação econômica e demográfica, com atividade econômica de pecuária extensiva e a agricultura de subsistência voltada à população regional, que só viria a mudar a partir dos anos 40 do século XX.¹³

Toda essa contextualização foi feita para mostrar o cenário em que minha família surgiu e está inserida, suas particularidades e um mergulho pela vasta região do interior do Brasil nas três últimas gerações, ilustrada por histórias reais, que ao mesmo tempo sendo únicas, também são universais.

“Agora desaba o circo. Assim como o bandeirante paulista vai dar - Monteiro Lobato avisa-nos - no Jeca Tatu pálido; o minerador empobrecido de Goiás vai se derramar no roceiro criador de porcos e galinhas, às vezes no criador de gado, às vezes no negociante ocioso deitado sobre o balcão de um comércio desalentado.” (BERTRAN, Paulo, O Cometa do Ouro)¹⁴

¹⁰ KRAMER, Tiago págs 32 e 33

¹¹ KRAMER, Tiago, *A Paisagem Do Pantanal E A Ruralidade Nas Minas Do Cuiabá (Primeira Metade Do Século Xviii)* pág. 170

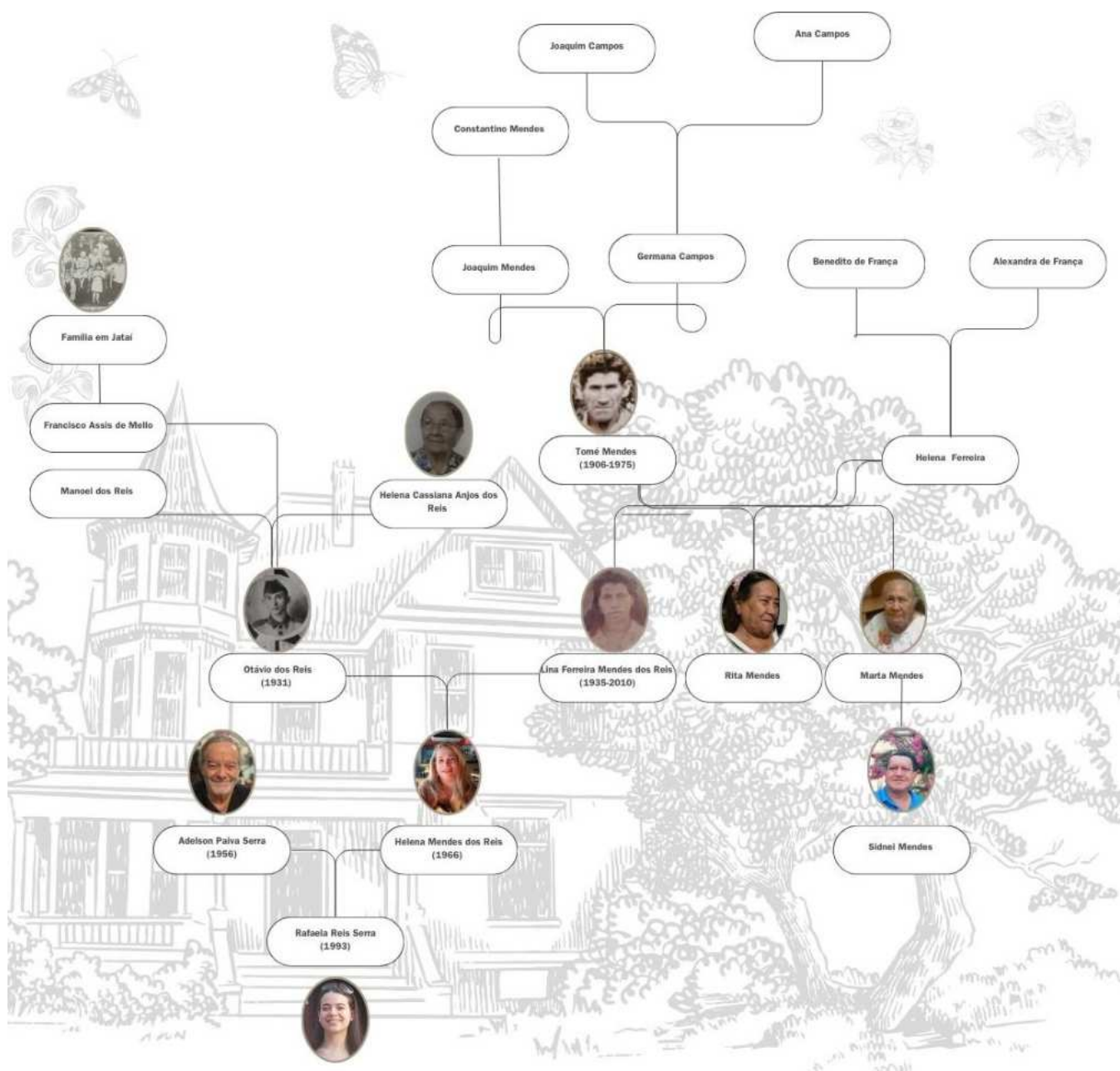
¹² KRAMER, Tiago, pág. 163

¹³ ARBEX, José, *O Brasil em regiões - Rumo ao Centro-oeste*, 2ª Edição, 1996

¹⁴ BERTRAN, Paulo, *O Cometa de Ouro*, Disponível em: <https://bit.ly/3N4gxBk>

Capítulo 2

Reis e Rainhas



Observação: algumas pessoas não foram colocadas na árvore. Foram apenas apreciados os personagens diretamente ligados à linhagem e/ou mais citados no trabalho.

Lina e as irmãs tinham acabado de pisar no montante de arroz para descascá-lo. “Papai vai vender o que restar para o Alto Paraguai e o dinheirinho que sobrar, vou poder comprar aquele vestido novo”. Mas a mãe está doente, ninguém sabe o que ela tem. Ela está passando mal com muita recorrência. Pediram para ela pegar folhas para fazer chá de laranja e seu irmão foi até Alto Paraguai comprar remédio. “Estou muito preocupada, mamãe não melhora. Temo que talvez esteja chegando a hora dela.”

Lina Ferreira Mendes dos Reis nasceu em 23 de outubro de 1935. Filha de Helena Ferreira, também mato-grossense, e Tomé Mendes (1906 - 1975), cuja ascendência remonta à Espanha. Era costureira e do lar. Nascida e criada no sítio Mangavalzinho com mais 14 irmãos, no distrito de Bom Jardim, no município de Nobres, Mato Grosso, em uma casa simples de pau a pique, que meu próprio bisavô fez. Minha bisavó Helena era artesã: fazia vasos e potes de cerâmica e redes para todos 15 filhos dormirem. “Era que nem índio”, afirma minha tia-avó Rita, uma das duas irmãs que ainda estão vivas. Meu bisavô Tomé caçava, pescava e tinha uma roça para subsistência. Mas não conseguia prover tudo, precisava comprar calçados, roupas e outras coisas que a roça não poderia dar. “Tinha de tudo para a gente se alimentar e o que sobrava, o pai levava a carga até o Alto Paraguai para vender, em cima de boi. Eles chamavam de ‘tropa’¹⁵. O burro carregava as coisas na estrada para a gente comer. Ia a pé. Subia duas serras: Serra da Boa Vista e Serra da Caixa Furada. Durava até três dias a pé essa rota. Já fiz uma vez. Muito judiado. Na época de chuva tinha que parar para esperar o rio abaixar para poder passar”, relembra Rita. Com 83 anos, tia Rita se lembra de muita coisa, com muito detalhe e com carinho.

Aos 13 anos, após a morte de sua mãe, Lina foi para a cidade de Nortelândia morar com uma das irmãs mais velhas. Quando meu avô Otávio a conheceu, ela trabalhava de doméstica para pessoas de famílias ricas. “Para poder se vestir, a mãe socava arroz e vendia ele descascado, quando era adolescente”, relembra Helena, minha mãe. Passaram necessidade, mas meu bisavô fazia de tudo para prover o melhor para a família.

Segundo tia Rita, o pai não registrou os filhos, era que “nem índio”. O irmão mais velho anotou a data de nascimento de todos e foram registrar na cidade. Minha avó foi registrada como de Rosário do Oeste. Naquela época, Nobres não era município.

¹⁵ “tropa” ou tropeiro é o termo utilizado para designar os condutores de comitivas de muares e cavalos que faziam o transporte entre os produtos no seu local de produção até os centros consumidores ou até a venda desses animais. Surgiram com os bandeirantes paulistas

Conversando com o primo Sidnei Mendes, filho de Martinha, irmã de minha avó, eu descobri muitas informações da família. Ele leciona geografia para o ensino médio em uma escola em Nobres e, após a morte de seu irmão mais velho, em 1987, ele teve uma epifania: surgiu a vontade de saber mais sobre as suas origens. “Você leva aquele choque. A gente morre”, e as informações morrem junto. Quando liguei para Sidnei, ele estava na região do sítio Mangavalzinho fazendo a pesquisa familiar.

Segundo meu primo, tudo começou com a vinda de Constantino Mendes da Espanha, que desembarcou no Maranhão e depois se instalou em Minas Gerais. Três de seus filhos foram para o Mato Grosso, dentre eles Joaquim Mendes, pai de Tomé Mendes, meu bisavô, que nasceu no sítio.



*Da esquerda para direita fila de cima: Meu bisavô Tomé, minha avó Lina e minha tia Eudes.
Fileira de baixo: Meu tio Beto, tio Lourival, minha mãe e tia Eliane na casa deles em Cuiabá no
começo dos anos 70. Acervo Pessoal*

Não sabemos as datas exatas, mas o primeiro filho de Joaquim com Germana de Campos nasceu por volta de 1880 e, pelas contas de Sidnei, o próprio nasceu aproximadamente em 1860.

Germana era filha de Joaquim de Campos e Ana de Campos, descendentes de portugueses e donos de sesmarias da região do Bom Jardim.

Já a minha bisavó Helena é filha de Alexandra de França e Benedito de França. Os pais de Alexandra vieram da Bolívia e se instalaram em Goiás e depois foram para Nobres. Os relatos dizem que Benedito era cafuzo e que nossa linhagem indígena vem de ascendentes da Bolívia, desmentindo o que acreditamos nossa vida inteira de que nossa origem indígena era da região do Mato Grosso. Mas, segundo minha mãe, minha avó Lina falava que sua avó era indígena. “Minha avó [Helena] é da Terra.”

Primo Sidnei disse que continuará a fazer a pesquisa, que já dura 36 anos. Ele não sabe a origem de Benedito de França e de Germana de Campos e continuará a buscar mais informações, viajando para os locais em que as pistas de sua pesquisa o levarão.

Casando com meu avô, Lina herdou o sobrenome Reis. Quem diria: nascida em Nobres e no mesmo dia que o Rei Pelé também. A realeza já pairava em seu destino. Uma verdadeira Rainha!

De todos os avôs, a vovó Lina foi a que mais tive contato. Ela vinha todos os anos para São Paulo para fazer tratamento médico contra as sequelas de seu câncer, que ela conviveu por boa parte da vida. Ela frequentou hospitais desde quando minha mãe tinha 13 anos devido à descoberta da doença. Minha avó por um tempo viajou de Cuiabá para Goiânia para isso. Tia Eudes, a mais velha de seus filhos, trabalhava para poder comprar a passagem de avião dela. Como era muito cara, minha avó fez as viagens sozinha por nove anos. “Eu fui uma vez visitá-la de ônibus, eu tinha 15 anos”, diz Helena.

Com o tratamento da doença, Lina teve sequelas. Ela vinha para São Paulo para cuidar disso. Helena com apenas seis meses de casada, trouxe minha avó à São Paulo para fazer o acompanhamento anual, de 88 até um ano antes de sua morte, em 2009. “Não foi fácil até o dia da morte dela”. Mamãe fala que a vovó coincidentemente sempre esteve presente em todos os momentos dos nascimentos dos três filhos. “Antes do parto até depois de dois, três meses após [o parto]. Me ajudou muito.”

Lina costumava fazer almoço com banana frita ou assada, coisa que quando criança nunca gostei muito. Hoje em dia, comi na casa da Tia Tereza e meu paladar mudou. Gostei. E lembrei-me dela.

Foi assim também com a mandioca. Nunca fui muito fã. Mas ao crescer eu passei a gostar. E esses dois alimentos são bem típicos dos centro-oestinos.

Vovó sempre teve uma vida simples. Também presenteava a gente com o pouco dinheiro que tinha. Ficávamos muito felizes quando ela abria sua bolsinha de moedas, tirava uma nota para mim e meu irmão e falava para gente não contar para nossos pais.

Vovó Lina sempre foi muito caridosa. Às vezes brigava conosco, mas sempre muito amorosa. Ela uma vez salvou meu irmão com meses de vida dos meus braços, quando eu tinha pouco mais de dois anos. Tentei carregá-lo achando que fosse um bebê de brinquedo e o deixei cair. Vovó salvou meu irmão. Vovó sempre foi o motivo da união da família.

“Lina foi amor e companheira. Cuidava direitinho das coisas. Eu viajava, demorava 10, 15 dias com o caminhão vendendo as coisas e ela ficava com a criançada tomando conta”, lembra meu avô Otávio.



Foto de formatura do curso de corte e costura de Lina Mendes. Elizabeth Mendes

Foi muito triste a perda da minha avó em 2010, muito difícil para todos em casa e, também, o contato que tinha com meus familiares de Cuiabá praticamente cessou, porque ela passou a ter direito a trazer um acompanhante nos últimos anos. Só fui voltar para lá muitos anos depois, em 2017, e agora neste ano de 2023, para as viagens com o intuito de fazer este livro.

Muitas pessoas não acreditarão no que falarei a seguir, mas faz muitos anos eu sonhei com a minha avó nos dias próximos ao aniversário de morte dela. Nesse sonho ela disse que estava bem. Acredito que foi uma mensagem dela para confortar minha mãe. “O sonho dela era morar no [bairro] Paraíso. Ela ouvia falar e o nome ficou na mente dela. Ela gostava do nome” relembra minha mãe. Certamente vovó está no Paraíso agora.

Essa lembrança que tenho foi muito significativa e até hoje me emociono ao lembrar. Não sei se é coincidência ou não, mas moramos em uma rua chamada “Lino”. Por esse motivo, sinto que a vovó sempre esteve com a gente.

Otávio estava subindo o Rio Cuiabá até Corumbá, em um barco grande. Logo desembarcaria e faria transferência para um navio maior e desceria o Rio Paraguai até Porto Esperança. E o trajeto não terminaria aí: ainda tinha a viagem de trem até Campo Grande. Era enfermeiro do exército, estava levando cinco doentes porque o médico do batalhão havia autorizado. Por ser extremamente dedicado e responsável, confiava em Otávio. “Será que aceito a proposta de ir para o Rio de Janeiro? Mas e minha mãe, gosto muito dela, vou ficar muito longe...o transporte é tão difícil”, pensou. “Ele gostava muito de mim, meu Deus, como gostava”, relembra Otávio.

Otávio dos Reis nasceu em 20 de novembro de 1931, onde hoje é o Mato Grosso do Sul, e é registrado como campo-grandense. Filho de Helena Cassiana Anjos dos Reis e Francisco Assis de Mello. Vovô já foi muitas coisas: garimpeiro, enfermeiro do exército, ambulante, tudo para poder criar seus sete filhos. Um homem batalhador, determinado, de gênio forte – parece até alguns da família. Sua vida começou no garimpo, no Alto do Paraguai, com aproximadamente 12 anos de idade, em 1943. “A vida lá era garimpo. Naquele tempo não tinha esse negócio de criança não trabalhar, trabalhava. Ninguém proibia”, relembra.

Vovô morou no Mato Grosso do Sul em uma cidade chamada Piraputanga, um local muito pobre e devido a isso, acabou mudando para o Alto Paraguai, por conta do

garimpo. “Meu padraсто foi para lá pela influência do Gatinho¹⁶. Esse Gatinho é o Alto Paraguai hoje. Tinha muito garimpeiro, muito diamante, era muita gente, por conta da crise foram tudo para lá” e explica que Gatinho era um distrito de Diamantino, que desmembrou e passou a ser município com o nome de Alto Paraguai, porque o rio Paraguai nasce na região, em um lugar chamado de Sete Lagoas, “e tem as sete lagoas. Conheço pessoalmente a nascente do Rio Paraguai”, complementa.

Foi também enfermeiro no exército – serviu por três anos em Cuiabá no 16º Batalhão dos Caçadores¹⁷, não tinha documento de identidade, nem certidão, foi no exército que o primeiro foi emitido, até hoje sem certidão.



Meu avô no exército em 1952 em Cuiabá. Acervo Pessoal

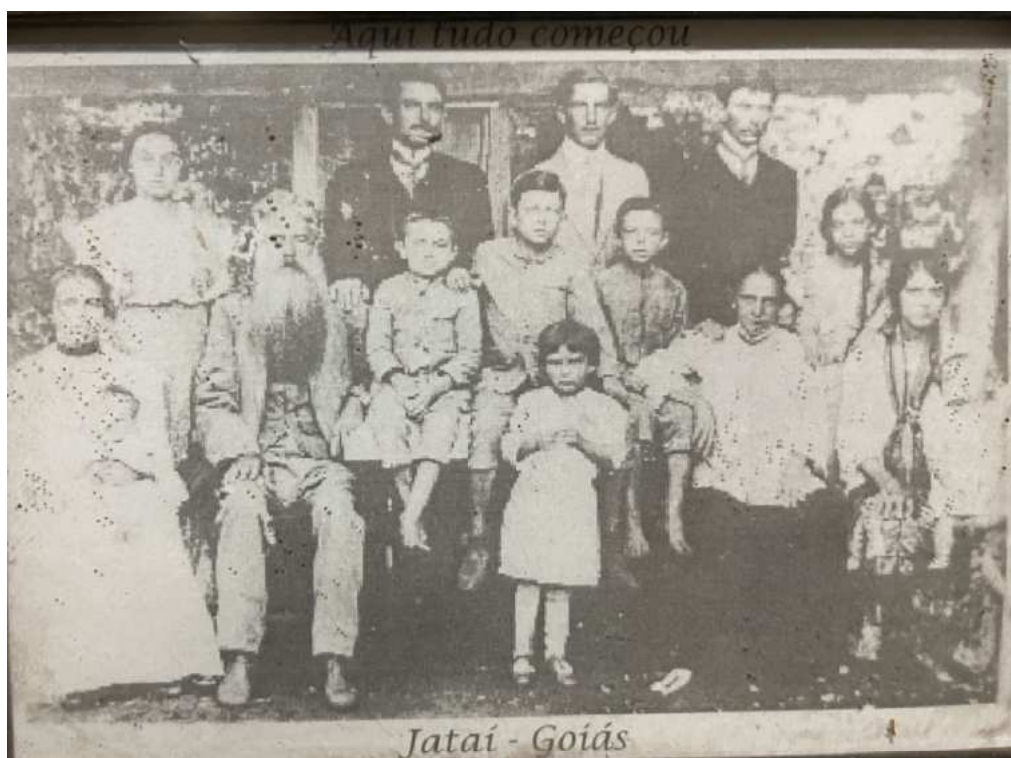
Seu nome Reis é do padraсто Manoel dos Reis, proveniente do Maranhão, o qual o criou desde pequeno e cedeu seu sobrenome. Manoel foi a pé do Maranhão até Mato Grosso. A mãe veio de mula, junto com a mudança.

¹⁶ Gatinho era a denominação do Alto Paraguai antes de se tornar município. Mais adiante explicarei sobre o município.

¹⁷ O 16º Batalhão dos Caçadores foi importante como apoio na Segunda Guerra Mundial e para a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti após o terremoto.

Ou seja, meu sobrenome original é Melo. Rafaela Melo Serra. Mas prefiro Rafaela Reis Serra, é fonética e graficamente melhor.

A história do meu bisavô biológico é um tanto trágica: era caixeiro-viajante e foi assassinado na fronteira com o Paraguai – segundo minha mãe -, mas meu avô deu outra informação: fazia o comércio de gado na região, adoeceu - ninguém sabe do quê - e ainda foi roubado, deixando minha bisavó viúva e dois filhos. Meu avô tinha apenas um ano de idade quando perdeu seu pai. Sabe-se que a família do meu bisavô veio de Minas Gerais e foi para Jataí, Goiás, no século XIX. Portanto, nascido em Goiás e minha bisavó no Mato Grosso do Sul. Francisco sofria nas mãos de seu pai e decidiu fugir para o Mato Grosso do Sul. Chegando lá conheceu Helena que já era viúva na época.



Com a legenda "Aqui tudo começou, Jataí – Goiás", foto de parentes da parte de seu pai biológico que morreu quando tinha apenas um ano. Foto por volta do século XIX. Acervo Pessoal

Vovô foi em dois momentos para Cuiabá: o primeiro quando serviu no exército e o segundo, já casado com minha avó, quando mudou de Nortelândia com seus primeiros filhos.

“Depois que fiquei adulto e servi o exército por um tempo como enfermeiro, minha mãe Helena mudou de Alto Paraguai para Nortelândia, que foi onde nasceu essa minha raça todinha – menos sua mãe e Eliane.” Vovô ainda diz, “como eu não estudei eu pensei ‘eu não vou criar meus filhos jumento igual a mim. Vou morar na cidade’ e vendi tudo a besteirada que tinha e uma casinha. Sofri pra chuchu para criar essa turma. Viajei para tudo quanto foi lugar, para comprar e vender. Virei ambulante. Fui para Manaus quatro vezes, fui também para o Paraguai”. Por um tempo, ele alugava um caminhão que por 12 dias ia até Tangará da Serra vendendo café em saca, açúcar, cerveja, refrigerante, cachaça, lenha etc, “um boteco, tinha de tudo” e decidiu mudar: largou do caminhão e começou a viajar para Zona Franca de Manaus, um conhecido chinês que o levava de avião. Comprava mercadoria importada lá, como seda japonesa e lenços italianos e vendia em Cuiabá. Como era muito difícil ir para Manaus, porque o transporte era apenas por avião e as coisas que ele trazia já não eram mais novidade, decidiu mudar. Por sete anos fez o mesmo: indo e vindo do Paraguai trazendo calças americanas, tênis chinês, maquiagem, uísque, rádio. E naquele tempo já havia apreensão de drogas na fronteira, segundo meu avô.



Em 1952, Dom Aquino (no centro) celebrou uma missa da Páscoa para o 16º Batalhão dos Caçadores. Meu avô está na fileira de baixo à esquerda. Acervo Pessoal

Vovô sempre foi um homem independente: faz tudo na casa, até hoje, no alto dos seus quase 92 anos. Não gosta que ninguém faça as coisas por ele. Lúcido, lembra de muita coisa e sua força ainda reside em seu corpo já maduro. Apenas uma cirurgia mal feita na face que o deixou com o lado esquerdo paralisado, mas nem isso o derrubou.

Até a alguns anos, vovô fazia o melhor doce de leite que já comi na minha vida. Toda vez que meus pais viajavam para Cuiabá na volta eu perguntava “e o doce de leite?”. Só que de uns anos para cá, ele parou de fazer. Segundo a minha mãe, ele disse que era muito trabalhoso. Tá precisando passar essa receita para frente, ein?!

Lina e Otávio se conheceram em um baile na cidade de Nortelândia, nos anos 50, enquanto moravam lá. Vovó tinha 18 anos e vovô 22. Já se conheciam de vista, pois a cidade era pequena. Tiveram sete filhos: a 1ª nasceu em 1956. Anos depois, com os primeiros cinco filhos, mudaram para Cuiabá. E por último, nasceu minha mãe, Helena.



Avô Otávio e avó Lina no aniversário de 15 anos da minha prima em Cuiabá, no ano de 2002. Acervo Pessoal

Helena e sua mãe estavam a caminho da pequena escola pertencente a uma igreja do bairro. Era seu primeiro dia de aula. Heleninha e sua mãe estavam de mãos dadas caminhando e nada abalaria aquele momento único. As duas se olham e sorriem.

Lina deixa a pequena com a professora da escola, Linda, que também era vizinha no Araés. A primeira coisa que Helena faz é desenhar uma abelha. O momento foi tão especial que 50 anos depois, essa história foi narrada por minha mãe envolta a muita emoção.

Helena Mendes dos Reis Serra, por muitos anos achei que ela tivesse nascido no dia 6 de junho, mas não, ela nasceu antes do “Dia D”: dia 5 de junho do ano de 1966. Cuiabana de família humilde: meu avô batalhou muito para poder sustentar seus seis irmãos. Mamãe confirma que seus pais eram extremamente trabalhadores e saíram do interior para poderem dar uma vida melhor para os filhos. Muitos dias eram bem difíceis: tinham alimento apenas para almoço e janta.

O nome da minha mãe foi em homenagem às suas duas avós. Mamãe não gosta muito do seu nome: de origem grega e significado nobre, “a reluzente”, “tocha”, foi dado a uma das maiores figuras da mitologia, Helena de Troia, e de diversas protagonistas das novelas de Manoel Carlos. Tá na hora de ressignificar isso, né, mãe!

Helena teve uma infância extremamente feliz: caçula, foi mimada pelos pais e irmãos. Frequentava a Praça Alencastro, a igreja aos domingos e brincava de casinha no espaçoso quintal de casa, subindo no pé de manga junto dos outros irmãos. Tinha muitos animais de estimação. “Pegava mantimento da casa e fazia lá no quintal. A gente comia arroz, pegava passarinho, fazia o passarinho. Naquela época, ninguém tinha consciência e preservação pela natureza. Então um dos *hobbies* dos moleques era matar passarinho e fazia uma farofinha pra comer.”

Estudou na Escola Estadual Presidente Médici, em homenagem a um dos presidentes da época da Ditadura Militar no Brasil. Inclusive, viu o próprio Ernesto Geisel, mas não se lembra se ele foi para a inauguração do colégio ou outro evento. “Eu o vi em um carro preto passando na avenida principal da cidade chamada Coronel Duarte, mas a gente chamava de Prainha. (...) E consegui ver o rosto dele, mais nada.” Mamãe disse que foi um evento. Vovó arrumou todo mundo e foram ver o presidente passar na avenida. As pessoas esperavam por ele, como se fosse um desfile de 7 de setembro.

Vale lembrar que Geisel esteve em Mato Grosso, no ano de 1976, para a inauguração da BR-163, na qual ligava Cuiabá a Santarém e foi ele quem assinou a Lei Complementar Nº 31, de 11 de outubro de 1977, criando o estado de Mato Grosso do Sul.

Inauguração da BR-163 no Arquivo Nacional:

https://www.youtube.com/watch?v=gpPew_f-jz4

Começou a trabalhar aos 15 anos em uma loja de fotografia e presentes, tirando foto 3x4 das pessoas e ficava no balcão atendendo. “Eu trabalhava de dia e estudava de noite, mas me arrependo muito disso. Eu não aprendi nada de química, física e biologia, só aprendi a parte técnica. Me formei em curso técnico de administração de empresas.” E foi nessa loja que viu meu pai pela primeira vez.

Segundo Helena, todos os irmãos saíram de casa e ela ficou sozinha dos 13 aos 17 anos, apenas com seu irmão com Síndrome de Down. Meu avô era extremamente rígido, não a deixava sair de casa. As irmãs tiveram que casar para poderem viver suas vidas. Ele tinha medo delas engravidarem ou se tornarem profissionais do sexo. Minha mãe só conseguia passear quando as irmãs mais velhas, já casadas, a chamavam. Ela chegou a pular o muro para sair escondida. Infelizmente, ela viveu uma época em que a sociedade era muito machista.

Mas para ela, a parte mais triste de sua vida foi com 13 anos. A mãe dela havia descoberto o câncer. “Uma doença que marca qualquer família. Eu tinha essa ausência da minha mãe em casa e mesmo após os tratamentos que ela fazia ela tinha disposição de fazer os trabalhos domésticos normalmente quando voltava. Parecia até que ela nem tinha doença. Mas com certeza só ela sabia o quanto foi difícil a doença para ela. E a gente sofria junto.”

Minha mãe trabalhou depois para sua irmã mais velha em outra loja de fotografias. Conheceu meu pai, namoraram por cinco anos, mudou de emprego como secretária das Centrais Elétricas Matogrossenses S/A (CEMAT). Casou em 1988 e mudou-se para São Paulo, pois meu pai já morava na capital enquanto fazia mestrado em direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Na família de Helena, apenas três mulheres fizeram faculdade. Por isso é muito importante para eu poder me formar e quebrar essa dinâmica familiar, de ser dona do lar ou não ter emprego fixo.

Minha mãe, apesar de tudo, sempre cuidou de nós e esteve muito presente. Herdou de sua avó, também Helena, o talento pelo artesanato. Houve e há muitos momentos de tensões, como em toda relação. Mamãe às vezes é muito exigente com a gente, mas eu entendo que é para o nosso bem e sua brabeza vem de sua criação difícil.

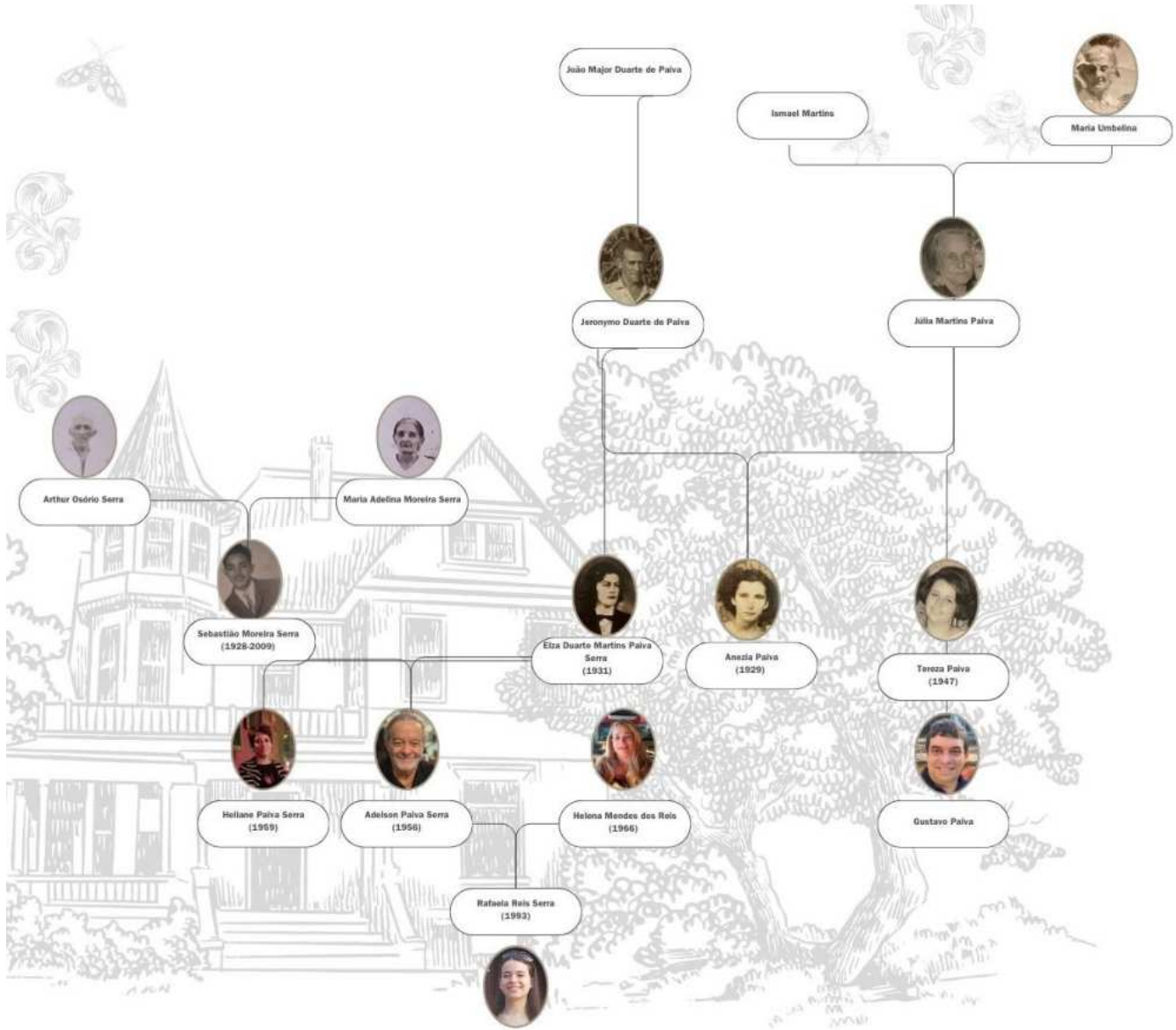
Levava-nos para cada canto de São Paulo mesmo não sabendo dirigir, enquanto meu pai às vezes não queria sair ou estava estudando. Mulher teimosa, devo essa virtude, a vocação familiar, a ternura, a responsabilidade e o meu auto cuidado a ela. Natal, Ano Novo, aniversários, múltiplas comemorações, férias... Já sabemos: arrumar a casa, fazer compras e banquetes para podermos comemorar as datas festivas da melhor maneira possível. Registros? Opa! Coloca agora uma roupa “decente” para sair nas fotos. Enquanto meu pai estudava ou trabalhava, minha mãe sempre cuidou de nós, praticamente sua vida é voltada para a família, aspecto que herdou de sua amável mãe. Helena deixou de trabalhar para poder se dedicar à gente, o que de certa forma a tornou dependente do meu pai, mas pelo menos, ganhou a proximidade e a parceria com seus filhos, que em muitos lares não existe. E agradeço a ela por isso, apesar de saber que também foi muito difícil para ela largar tudo e viver por nós.



*À esquerda, chaleira dos anos 20 pertencente ao meu bisavô biológico Francisco, que usava para esquentar a água para o chimarrão. À direita, cantil de meu avô no exército, da década de 50.
Acervo pessoal*

Capítulo 3

“Patrão, patrãozinho”



Observação: algumas pessoas não foram colocadas na árvore. Foram apenas apreciados os personagens diretamente ligados à linhagem e/ou mais citados no trabalho.

Elza saiu de Florianópolis para rever seus irmãos que há muito não via. Uma pandemia adiou o encontro dos Paiva. Ela estava muito animada para ver sua família toda reunida em Goiânia: irmãos, filhos, suas netas e sobrinhos. Foi uma viagem que duraram nove dias e boa parte deles passou na casa de suas irmãs. Havia momentos que nem conversavam. As mãos dadas entre as irmãs, o silêncio, o carinho velado, eram o suficiente. “Será a última vez que vou ver todas elas juntas”, disse vovó para minha tia Heliane e para minha prima Hariane, quando meu pai e eu fomos em maio no encontro dos Paiva. Minha prima me compartilhou isso e nos emocionamos. De certa forma, vovó não estava errada: no dia 25 de outubro, tio Wilson, o caçula, infelizmente nos deixou. Eram 16 irmãos, oito mulheres e seis homens – dois irmãos morreram muito pequenos. Agora só restaram cinco mulheres. Todos os homens se foram.

Elza Duarte Martins Paiva Serra nasceu no último dia de julho, 31, de 1931. Filha do goiano Jeronymo Duarte de Paiva e da mineira de Monte Alegre, Júlia Martins Paiva. Minha avó é uma típica leonina: está sempre arrumada, sempre muito cuidadosa com o cabelo, suas roupas e seus acessórios. Vaidosíssima. Vovó gosta de se arrumar bastante. É uma verdadeira *Lady*. Elza nasceu em uma fazenda no pequeno distrito de Riverlândia, pertencente ao município de Rio Verde, no sul do estado de Goiás. Minha tia-avó Tereza, de 76 anos, lembra de uma história: de que meu bisavô vendeu um cavalo arreado para comprar a fazenda. Prima Jeane disse que na família, um mandava no outro: os mais velhos mandavam nos irmãos mais novos, ou seja, “patrão pro patrãozinho”.

Foi nomeada professora pela prefeitura para crianças do primeiro até a quarta série em um posto agropecuário perto da fazenda, em Rio Verde. Para ir até a escola, seu pai a levava de caminhonete. Vovó também andava a cavalo. Após se casar com meu avô Sebastião, mudou para Cuiabá e virou costureira - tinha curso de corte e costura - e do lar. Quando era costureira, fez muitas clientes, mas parou de costurar porque era muita coisa e, também, por problemas na vista. Todo mundo gostava. Costurava roupa para as amigas de sua filha Heliane. “Aquela costureira da esquina lá”

Tia Anezia, sua irmã mais velha, hoje com 94 anos, também era costureira. Quando fui para Goiânia, onde ela reside com mais duas outras irmãs, Lourdes e Delma, mostrou sua salinha de costura para mim, suas máquinas antigas, com muito orgulho.

Vovó foi a primeira irmã mulher que casou e saiu de casa. “Apareceu seu avô na minha vida: casei com 23 anos e fomos para Cuiabá. Todo mundo ficou chorando quando saí.”

A costura parece que era algo comum entre as mulheres da época. Minha avó Lina costurava para vestir os filhos, minha avó Elza, a tia-avó Anezia e foi também a realidade da minha bisavó Júlia Martins Paiva. Segundo minha avó, bisavó Júlia foi costureira por muitos anos e do lar.



Bisavó Júlia e seu marido Jeronymo. Acervo Pessoal

Filha de Maria Umbelina, “Sanica”, e do mineiro dono de engenho de açúcar, Ismael Martins, Júlia era uma figura importante para a família. Mesmo após a morte de seu marido, foi o motivo de reunião por muitos anos na “Sede”- fazenda em Riverlândia-, até sua morte em 1985. Chamada de “agregadora” pela sua neta de nome homônimo, todo mês de julho acontecia festa na fazenda para comemorar o aniversário da bisavó. “Todas as mulheres [da família] guerreiras, que seguram as pontas”, afirma Júlia. Bisavó também era uma mulher de extrema personalidade: a palavra final era sempre a dela; bebia uísque e fumava na frente de todos. Não estava nem aí. Um dos netos se sentia mais confortável em fumar em sua frente que do próprio pai. Na época que morava na fazenda, Júlia tinha cozinheira e lavadeira. Vó Elza lembra que seu avô, Ismael, veio de Monte Alegre, Minas Gerais para Goiás e comprou a fazenda na Beira da Serra, cujo engenho exportava açúcar, queijo, doce de leite, rapadura e leite. Por um período mudou para Santa Helena de Goiás e depois voltou para Rio Verde.

Já a parte de seu pai, seu avô João Major Duarte de Paiva era fazendeiro, possuía gado, plantação de café, vendia queijo e leite. “O pai do meu pai chamava-se João

Major. Mas ele não era Major. Todo mundo pensava que ele era Major e o respeitavam. Meu avô tinha uma casa em Rio Verde, próximo da fazenda, então ele sempre ia lá”, explica Elza. Ele tinha a fazenda e casa em Rio Verde.

Naquela época, as conversas eram por correspondência. Minha avó conheceu meu avô trocando cartas através da recomendação de sua prima, que já havia namorado meu avô, pois moravam em Cuiabá. Mostrou-lhe uma foto do bonito jovem, falou para escrever pra ele e, a partir de então, começaram a se corresponder. “Escrevia só por escrever, não ficava com aquele negócio na cabeça. A minha vida era outra”, relembra vovó. Porém, Sebastião foi até o pequeno distrito de Riverlândia conhecer Elza. “Ele apareceu na fazenda do meu tio, que morava onde passava a rodovia que vinha do sul – Sul Goiana. Aí foi amor à primeira vista.” Vovó aceitou o matrimônio e foi para o Mato Grosso conhecer a família do meu avô Sebastião. Logo, voltaram e se casaram. “Casamos na fazenda, o juiz foi lá fazer o casamento.” O evento aconteceu em 29 de julho de 1954, dois antes do aniversário de Elza.

Meu pai disse que vovô Sebastião o confidenciou que ele chegou sozinho na Fazenda e teve que enfrentar o povo todo sozinho. “Foi parar naquele lugar que é difícil de chegar até com um carro potente. Agora imagina, ele pegou e foi parar lá. Nos anos 60, quando a gente foi lá, eu me lembro que estavam fazendo estrada de terra.” Viajamos este ano para Riverlândia e, realmente, não é fácil chegar lá. Fico imaginando como era difícil a locomoção nessas regiões. Em questão de 50 anos tudo mudou.

Meus bisavós não queriam que minha avó casasse porque ela ficaria longe. Sebastião morava em Cuiabá com a sua família, tinha comércio e como as esposas acompanhavam os maridos em suas empreitadas, ela foi. O primeiro filho do casal nasceu em 1955. Foram seis filhos, mas uma morreu muito pequena. Até hoje não sabem o motivo de seu óbito. Meu pai é o segundo.

Demorou quase oito anos para voltar para sua fazenda em Riverlândia. Vovó lembra-se de um acontecimento em que meu pai se perdeu porque estava atrás de um córrego, o Cabeleira. Mas essa história fica para o próximo capítulo.

Hoje reside em Florianópolis com minha tia Heliane e minhas primas Hariane e Débora, já há quatro anos. Mas a leonina não gosta do frio: antigamente ela voltava para

Cuiabá quando a ilha do sul fazia frio demais.



Vó Elza e Vó Sebastião na casa deles no Boa Esperança, em 1998. Acervo Pessoal

Eram os anos 60. O bairro do Coxipó da Ponte estava calmo, como todos os dias desde a mudança da família Serra, da Rua Miranda Reis, no centro da cidade, até a periferia, próximo ao Rio Coxipó, onde só havia mato e seu Quinco, vizinho do outro lado da rodovia. Mas, um homem rompe a calma: era Pedro Pedrossian, governador do Mato Grosso cercado de assessores. O homem chega à venda de seu Sebastião, todo pomposo. Pega um cacho de banana e faz o seguinte comentário: “seu Sebastião, segura esse seu empreendimento aqui. Bem ali – do outro lado da rua – será uma Universidade. Aqui vai valorizar muito.” Sebastião riu daquilo, até porque era promessa de um político. Mas 10 anos depois, foi construída a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que mudou todo o rumo do bairro que viria ser o Boa Esperança.

Sebastião Moreira Serra nasceu em Cuiabá no primeiro dia de junho de 1928. Era comerciante, tinha um armazém de secos e molhados. Na infância e juventude, acompanhou seu pai no garimpo, na região do Alto Paraguai e Diamantino, no interior

do estado. Filho dos cuiabanos Arthur Osório Serra e Maria Adelina Moreira Serra - conhecida como “vó Nenê”.



Bisavó Nenê e Bisavô Arthur. Heliane Serra

Bisavô Arthur avisou seu filho sobre lotes que estavam sendo vendidos em um local afastado. Edgar Vieira, futuro padrinho do meu pai, vendeu a um preço acessível parte do terreno de sua fazenda. Meu avô saiu do centro da cidade e foi morar lá. Seu cunhado construiu a casa. Ali começava a primeira família do futuro bairro Boa Esperança. Uma das teorias do meu pai era que, como Sebastião passou a juventude com muita briga no centro da cidade, resolveu ir para lá justamente para cessar isso.

Meu avô, já tinha uma vendinha no centro, então resolveu abrir uma ao lado de sua residência, na avenida. Como o armazém era em um local afastado, me questionei como eles conseguiam vender os produtos. Meu pai disse que naquela época eles tinham o armazém só para complementar a renda.

Meu avô foi comprando as propriedades da Fazenda Boa Esperança no decorrer do tempo. Com a chegada das construções da Vila do Ipase e da UFMT, havia muitos operários trabalhando que consumiam muita bebida da venda do seu Sebastião, vó Elza fazia salgados e um padeiro levava mantimentos todos os dias para lá. O único comércio do lugar era o deles, bem localizado, na futura Avenida Fernando Corrêa da Costa. Apesar disso, o pessoal falava que meu avô era louco, pois ele mudou do centro da cidade e foi parar em uma área que só tinha mato, zona rural.

Sebastião era um exímio atirador, a caça era um *hobbie*, mas às vezes se tornava necessário. De vez em quando a venda da semana não foi muito boa e ele caçava para complementar o pão de cada dia. Praticava nos terrenos que seria a futura Universidade, quando a Tarumarana¹⁸ dava o fruto e aparecia as perdizes, nambus ou outras aves. Como a região era desabitada, pegava a arma *Smith & Wesson* ao cair da noite e eles ouviam o estampido do tiro a 1 km de distância.

Vovô era meio marginal e a família queria que ele casasse, segundo meu pai. Era um homem briguento com muitos inimigos. Já trocou tiro com várias pessoas. Uma vez estava no armazém - que também vendia bebida-, teve uma briga, resolveram a diferença no tiro, acertou uma figura conhecida na cidade que quase morreu. Foi preso e ficou um mês na cadeia. O apelido dele era caleidoscópio, porque trocou tiro com a polícia e não levou nenhum, segundo um professor de direito do meu pai. Meu avô era alcoólatra e quando bebia virava outra pessoa. Chegou a ser internado, mas não resolveu. Infelizmente houve violência doméstica por parte dele por alguns anos. É uma lembrança difícil para minha avó e meu pai externalizarem. “Quando ele bebida, não levava desaforo, ficava alterado. Mas sóbrio, não tinha problema, era tranquilo”, relembra meu pai, Adelson. Antigamente ele não tinha problema com a bebida, começou quando meu pai ainda era pequeno. Mas só deixou de beber quando minha prima mais velha nasceu, há uns 40 anos. Gastava muito dinheiro com bebida, Edgar Vieira chegou a dizer ao meu genitor que “ se seu pai não tivesse problema com a bebida, ele seria a pessoa mais rica do Coxipó.”

Meu bisavô Arthur era garimpeiro na região de Diamantino, no garimpo da Raizinha e levou seu filho Sebastião para acompanhá-lo, aos 10 anos. Ele tinha até a

¹⁸ Árvore nativa do cerrado brasileiro, usada na restauração de áreas degradadas, com frutos apreciados pelos animais silvestres

bateia de pegar ouro. Foi também sapateiro, fazia o ofício sob encomenda em sua casa. Fez chinelos de couro para a família do meu pai. Depois, abriu um comércio, em 1963, junto com a sua esposa Maria Adelina.



Tio Edson tem guardado o pé de ferro de sapateiro do bisavô Arthur O pé de ferro deve ser do ano de 1925 a 1930. Edson Serra

“Ele gostava muito de mim, talvez o neto que ele mais gostou. Porque ele tava sempre interessado em perguntar as coisas relacionadas à minha educação, coisa que meu pai nunca perguntou.” Adelson relata que seu avô conseguiu uma bolsa de estudos para ele em uma escola particular no centro, já que não podiam pagar os estudos. Depois, ele foi para a Escola Técnica Federal. Meu bisavô saía do centro da cidade onde morava, caminhava todos os dias por um trajeto de quase duas horas para ficar com meu pai e sua família. E voltava no mesmo dia. “Acho que devia ter uns 60 e poucos anos. A esposa dele ficava mais no centro. Raramente ela ia. Ele que ia todo dia lá ver a gente. Andava uns 4 km, com o chinelão no pé.”

CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ



Moção de Aplausos

*Com Fulcro no preceitua o inciso XIV, artigo 140 do Regimento Interno desta Casa de Leis, proponho à Mesa Diretora, a apreciação e com anuência do Soberano Plenário, que se proceda o devido registro nos anais deste Legislativo e encaminhe a presente **Moção de Aplausos ao Sr. Sebastião Serra, pelos relevantes trabalhos desenvolvidos em prol da sociedade matogro-gressense e em especial, aos moradores do Bairro Boa Esperança.***

*A Câmara Municipal de Cuiabá, representada por Vereadores e Vereadoras que a compõem, envia a presente Moção de Aplausos ao Sr. **Sebastião Serra**, como reconhecimento sinceros pelos relevantes serviços prestados à coletividade em especial aos Moradores do Bairro Boa Esperança, onde sempre demonstrou através de seus trabalhos com o compromisso e responsabilidade, que uma vida melhor é possível.*

Sala de Sessões, 18 de Março de 2003.

*Ver Prof. **ENELINDA SCALA**
LIDER DO PT*



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
**CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL E
 TABELIONATO**

EVA AUREA APARECIDA COSTA GUIMARÃES
 Rio Verde - Goiás

Registro de Nascimento, Casamento, Óbito, Escrituras, Procuраções e Reconhecimento de Firmas.

LIVRO 024B

FOLHA 182V

TERMO 2.026

CERTIDÃO DE CASAMENTO

NOMES

**SEBASTIÃO MOREIRA SERRA
 ELZA MARTINS DE PAIVA**

MATRÍCULA

025817 01 55 1954 2 00024 182 0002026 71



NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS E LOCAIS DE NASCIMENTO, NACIONALIDADE E FILIAÇÕES DOS CÔNJUGES
 SEBASTIÃO MOREIRA SERRA, nascido aos um de junho de um mil e novecentos e vinte e oito (01/06/1928), natural de CUIABÁ-MT, de nacionalidade BRASILEIRA, solteiro(a), COMERCIANTE, filho de ARTHUR OSORIO SERRA e de MARIA ADELINA SERRA, residentes no(a) **
 ELZA MARTINS DE PAIVA, nascida aos trinta e um de julho de um mil e novecentos e trinta e um (31/07/1931), natural de FAZ DO BAUZINHO, NESTE MUNICÍPIO, de nacionalidade BRASILEIRA, solteiro(a), DOMÉSTICA, filha de JERONYMO DUARTE DE PAIVA e de JULIA MARTINS DE PAIVA, residentes no(a) **

DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO)

DIA	MÊS	ANO
29	07	1954

 vinte e nove de julho de um mil e novecentos e cinquenta e quatro **

REGIME DE BENS DO CASAMENTO
 COMUNHÃO DE BENS **

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)
 SEBASTIÃO MOREIRA SILVA **
 ELZA MARTINS PAIVA SERRA **

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
 2ª VIA AVERBAÇÃO: O CONTRAENTE FALECEU EM CUIABÁ-MT AOS 19/09/2009; CONFORME ASSENTO FEITO NO L.C. 241, FLS 169, Nº 93.069 NO CARTÓRIO DO 3º SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DE CUIABÁ-MT.
 **

NOME DO OFÍCIO
 CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL E TABELIONATO

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé

OFICIAL REGISTRADOR
 EVA AUREA APARECIDA COSTA GUIMARÃES

Rio Verde - GO, 18 de abril de 2012

MUNICÍPIO/UF
 Rio Verde - GO

Cartório do Registro Civil e Tabelionato
 Rio Verde - GO - Fone: (64) 3621-3736

ENDEREÇO
 Rua Coronel Vaiano, 227 Centro
 CEP: 75.901-190 - Fone: 0xx(64)3621-3756



Célia Ferreira Franco
 Escrevente

Célia Ferreira Franco
 Assinatura do Oficial

Certidão de casamento e de óbito do meu avô Sebastião. Heliane Serra

Duas crianças corriam no meio do matagal do terreno do coronel Mello Bravo. Ora descampado, ora mato fechado. No córrego do Barbados juntava os dois tipos de vegetação. Estavam olhando os passarinhos que ali voavam. Escutam um som. Correm para o meio do mato. Observam. Passam três pessoas. “Ufa, são conhecidos”, os dois pensam o mesmo, mas sem dizer nada. Esperam. Alguns minutos correm. Resolvem sair do seu esconderijo.

- Adelson, vamos pescar lambari? - Adelson não via a hora de seu irmão Edson perguntar. As duas crianças felizes da vida correm para fazer o que mais gostavam na vida, sem nada e ninguém para atrapalhar a sua inocência.

Adelson Paiva Serra cuiabano nascido na data de aniversário da Revolução Constitucionalista: 09 de julho do ano de 1956. Já nasceu Paulista. Não imaginaria que estaria mais tempo em São Paulo que em Cuiabá. Fez faculdade de geologia na UFMT, mas não chegou a se formar. Formado em direito pela mesma faculdade, mestre na PUC-SP e doutorado incompleto no Largo São Francisco. Meu pai batalhou muito para conseguir tudo que tem hoje. Meu pai ajudou os irmãos mais novos a bancarem a faculdade deles e ajudava seus pais também.



Visita da família da minha avó, vindos de Goiás para Cuiabá. Da esquerda para direita, fileira de cima: Bisavô Jeronymo, Elza, tia-avó Lourdes. Fileira de baixo, da esquerda para a direita: Meu pai, tio Marcondes, tio-avô Sinvaldo, tio Hermes, tio Edson e tia Heliane. Acervo Pessoal

Quando criança caçava e pescava nos arredores de sua casa junto ao seu irmão mais velho, Edson. Passavam o dia inteiro fora, nos terrenos da futura UFMT. Ali, tinha

um córrego chamado Barbados que eles iam com a família junto da vovó Nenê e um cachorrinho. Minha tia Heliane disse que era uma região com bastante mato, cobras – às vezes enroladas nas árvores, “não sei como não pegou alguém” -, córrego era bem bonito, limpinho, cheio de cachoeirinha, pedras. Mas quando os dois filhos mais velhos saíam juntos pescavam no Barbados e já chegaram a levar a comida para casa. “Lembro um dia que minha mãe não tinha nada para fazer de carne. De repente calhou que os lambaris que a gente pescou deram certo.” Apesar de ter o comércio, às vezes não tinham carne para comer. Para comprar, tinham que andar quilômetros até a venda mais próxima ou esperar o padeiro trazer. Passados anos, quando tinham mais de sete anos, começaram a se embrenhar mais no mato. “Ele não gostava que a gente saísse porque achava que era muito perigoso. Como ele tinha deixado muitos inimigos na cidade, achava que fossem fazer maldade com a gente. Terminava deixando o nosso pai doidinho”, relembra Adelson. Minha avó fala que havia muito lugar de passeio, que as pessoas frequentavam, mas meu pai gostava de descer a rua abaixo e ir para o córrego.

“Sabíamos que tinha um cara que era dono de toda essa área e o cara não era flor que se cheirava. Era violento. Mas como éramos crianças, éramos indiozinhos brancos, quando ouvíamos barulho, nos escondíamos. Chegamos de ver gente passando na trilha, como andávamos quieto, ouvia primeiro e depois se escondia e depois voltava pra trilha”, relembra meu pai.

Aos oito anos de idade, ele se lembra dos soldados do quartel do 16º BC fazerem marcha em frente à sua casa. “Eu lembro que estavam fazendo treinamento, acho que foi em 64, era à noite. Não sei de onde que eles vinham e para onde eles iam. Eram centenas de soldados.”¹⁹

Meu pai ainda revela um fato inusitado: havia uma fazenda de 20 hectares que moravam norte-americanos que estavam em uma missão de traduzir a bíblia para os indígenas. Algumas pessoas diziam que ali havia um campo de aviação e que poderiam estar fazendo outras coisas, que o objetivo deles era uma fachada. Ele ficou amigo de uma família por dois anos.

No Rio Coxipó Adelson nadou apenas quando adulto, porque era muito perigoso e caudaloso. “Requeria saber nadar, o rio era fundo. Não abusava porque sabia que

¹⁹ O mesmo Batalhão que meu avô fez parte anos antes deslocou-se até Brasília em apoio ao Golpe Militar. SILVA, Hélio (2014a). 1964: Golpe ou Contragolpe?. Porto Alegre: L&PM

alguns conhecidos de infância morreram afogados e não foram poucos. Não respeitavam o rio.”

Mas, toda essa vida pacata acabou de uma hora para outra. Em 1970 já havia a UFMT, a Vila do Ipase e praticamente o Boa Esperança não era mais um bairro isolado do mundo. Agora fazia parte da história do Brasil, como veremos mais para frente. “A área da UFMT explorávamos quando criança e, de uma hora para outra, derrubaram tudo. Lá que tinha o pé de Tarumarana que meu pai ia caçar. Chegou a Universidade, começaram as obras, botaram tudo abaixo. A vegetação acabou.”

Eu e meu pai sempre tivemos uma relação muito conturbada desde que eu era pequena. Talvez porque sejamos muito parecidos e orgulhosos e nenhum dos dois quer abaixar a crista. Somos parecidos até fisicamente: todo mundo fala que sou a cara dele. Admito que somos sim parecidos, no olhar, na curiosidade, somos destemidos. Esse trabalho, de certa forma nos aproximou. Viajamos os dois sozinhos. Ele quem foi mais a fundo na questão de se reconectar às suas raízes, porque, no fundo, eu fazendo todo esse estudo, é também saber as origens dele. E foi ótimo saber mais sobre meu pai.

Foi através da exigência dele, muitas vezes tóxica, que sempre me esforcei para ser a melhor em tudo que me proponho a fazer na vida: desde estudos a esportes. Extremamente competitiva. Graças a ele sou cinéfila e torço para o maior time da Terra, onde o Rei do futebol mostrou as maiores maravilhas do mundo.

Vi meu pai agir como criança na fazenda que minha avó nasceu e cresceu: tomou banho de bica na piscina que fizeram no local. E ela estava suja hahaha.

Acho que ele nunca mais falará isso, mas enquanto estávamos viajando, ele admitiu que nunca se acostumou com São Paulo. De fato, esta cidade anda em outro ritmo, muito diferente de qualquer outra cidade do país. É um ritmo surreal e apenas percebi isso nas minhas últimas viagens para praia, para Florianópolis e para as cidades da minha pesquisa. Talvez ficar aqui adoeça pessoas que não estejam acostumadas com essa dinâmica. E acho que é o caso do meu pai. Ele sempre foi uma pessoa extremamente nervosa, impaciente e estava sempre ocupado. É difícil dar uma vida confortável para três filhos, sendo o único provedor da casa. Devemos ter mais empatia com as pessoas e entender a origem de suas ações. Acho que ali, na Sede, eu percebi que ele poderia finalmente relaxar.

Capítulo 4

Por diversos cantos

Uma das minhas motivações de fazer este tema foi para poder experienciar diferentes hábitos em variadas cidades, viver o jornalismo e realizar as entrevistas *in loco*. E também era um último teste, porque até então eu não havia me encontrado na profissão. Outro ponto vai de encontro com uma das minhas maiores críticas no jornalismo que é a falta do profissional que tenha propriedade para tratar determinados temas. Como poderemos ser referência de um assunto com tanta veemência se nem no local citado nos encontramos? Ou pelo menos fomos visitar? Então para isso, decidi que deveria ir até as cidades viver um pouco do centro-oeste e sua cultura.

Foram cinco cidades visitadas em dois estados, aproximadamente 16 horas de viagem e 24 dias fora da capital paulista.

Conheci muita gente, reví pessoas que há muito não encontrava e conheci parentes que nunca tinha visto ou ouvido falar. Aprendi muita coisa e agradeço muito por isso. Descobri um Brasil muito diferente do qual eu vivo.

Mas não foram quaisquer cidades. Vou apresentar a seguir os locais que fizeram parte do desenvolvimento dessa região tão peculiar e que tenham coincidido com a história familiar para poder ilustrar melhor este trabalho.



Bois pastando em fazenda na rodovia entre Goiânia e Rio Verde. Acervo Pessoal

Fazenda Cabeleira, em Riverlândia ou “Sede”

Riverlândia, Rio Verde, Goiás, 10 de outubro de 2023. Saímos cedo de Rio Verde e seguimos viagem pela BR 452. Passamos por uma rodovia cuja mão não duplicada é uma das maiores questões para quem dirige na direção de Santa Helena de Goiás e Quirinópolis. É uma estrada perigosa. Dividíamos a pista com diversos caminhões extensos, muitos com mais de 20 metros de carroceria, pertencentes ao escoamento da lavoura. Meu pai, meu primo Gustavo, minha tia-avó Tereza e eu seguimos nessa empreitada. A paisagem é constituída apenas por grandes campos de lavoura de cana, soja, arroz e milho, assim como foi o caminho de Goiânia para Rio Verde. Esta época é de seca na região do Centro-Oeste.

Tudo para conhecer a origem de parte de minha família. Tia Tereza estava muito animada, fazia anos que não revia a fazenda na qual nasceu e viveu e eu também compartilhava dessa ansiedade: lá inicia a trajetória de vida da minha avó paterna no centro-oeste.

Momento da chegada **aqui. (Não se esqueça de ligar o som e aumentar a qualidade do vídeo)**

Chegamos à região. Demoramos cerca de uma hora para chegar à fazenda e uma das entradas para o seu acesso foi bloqueado devido à reforma da ponte sobre o Rio Cabeleira. Então tivemos que fazer um desvio por entre as fazendas, percorrendo um caminho mal marcado de terra. Após alguns minutos, chegamos à “Sede”.

Ao chegar à Fazenda, fomos abordados pelos caseiros, Maria Aparecida, que pediu para ser chamada de Cida e seu marido, Valdivino. Um casal muito simples que vive da horta e da criação de galinha em uma casinha muito humilde. São sem-terra e viviam em Quirinópolis em um assentamento. Osmar, o responsável pela Sede, tinha criadouro de peixe. Em um momento, faziam a criação de rã e pintinho e tinha um chiqueiro.

Áudio Cida

Não sei como descrever o que senti quando cheguei. Era algo parecido como uma criança, tinha tanto estímulo que nem sabia por onde começar. Fomos até a famosa bica, meu pai entrou na piscina por onde jorrava a água. Fui até os diversos pés de amora, jabuticaba, tomatinho, limão, banana, cenoura, tamarino, manga e goiaba. Havia um cavalo e algumas galinhas, galinhas-d'angola – serviam para caçar escorpião -, e um espaço enorme verde. Nem dava para acreditar que minha avó nasceu, cresceu ali. Parecia uma quebra do espaço-tempo. Há 92 anos, ela surgiu no mundo e passado todo esse tempo eu estava lá retomando minhas raízes. Uma sensação de dever cumprido.

Eu não queria sair de lá, tudo era muito bom. Viver em um local que não tem estresse, que o tempo não importa, é algo que uma pessoa que vive o estresse diário de São Paulo necessita.

Passaram-se três horas, o tempo voou. Infelizmente não conheci a casa, pois o responsável não avisou Valdivino da nossa presença. Aliás, houve um momento de mini estresse, porque ele achou que fôssemos pessoas estranhas com más intenções. Muito pelo contrário. Tia Tereza foi apaziguar a situação, se apresentando, explicou que nasceu ali e a fazenda pertencia à sua sobrinha. O caseiro possuía apenas um celular antigo para comunicação, daqueles convencionais, antes do *smartphone*. No local não pegava sinal, conseguia apenas antes de chegar à fazenda. E Valdivino não fazia muita questão de ir até o local com sinal, até porque não tinha necessidade.

A “Sede”, como chamam a fazenda que minha avó nasceu e cresceu, primeiro era um edifício bem simples. Passados anos, bisavô Jerônimo demoliu a antiga casa e nos anos 50, fez outra muito maior na qual existe até hoje: em sua formação final, há 14 cômodas. Como a família era bem avantajada, com 14 filhos, precisava de mais conforto. Meu bisavô era fazendeiro, que vendia de tudo, “para quem quisesse comprar”, segundo minha avó. Vó Júlia, minha bisavó, era dona de casa, costureira, fazia queijo e tinha ajudante. Eram oito irmãs e seis irmãos. Tia Lurdes, de 90 anos foi professora na única escola estadual em Riverlândia. “Ouvíamos novela no rádio”, relembra tia Tereza, pois a TV apenas se popularizou no Brasil nos anos 70. Havia a tradição de rezar o terço e lavar a cruz, um evento cujo objetivo era pedir para a padroeira trazer chuva para a lavoura

Há a história do maior feito da família: meu bisavô utilizou 18 bois para derrubar uma árvore e construir a bica da fazenda, sem remendo, que existe há mais de 100 anos. Um verdadeiro mestre da engenharia.



*Minha avó, seus irmãos entre primos e amigos na fazenda em Riverlândia, nos anos 30 ou 40.
Acervo Pessoal*



A "Sede". Foto tirada em maio de 1993

A foto acima foi tirada em maio de 1993. Inacreditavelmente, minha primeira viagem foi para Goiânia. Na casa das minhas tias-avós, Anezia, Lourdes e Delma, vi a foto da Sede em um quadro, virei e reparei na data em seu verso. Eu estive lá em maio de 2023, exatamente 30 anos depois. Não sei nem descrever o que senti, mas não foi apenas coincidência. Parece que era pra ser e que aquilo já estava me esperando.



Foto da Sede provavelmente nos anos 80. Acervo Pessoal



Foto da Sede em outubro de 2023. Acervo Pessoal

Tia Tereza faz parte de um caso comum e um tanto curioso: ela tem duas datas de aniversário. Na época, por viverem em um local muito longe da cidade, os pais esperavam nascerem vários filhos para poder registrá-los. Então fica a questão: será que minha avó realmente nasceu no dia e no ano que ela pensa que nasceu? Tia Tereza é um amor em pessoa. Uma mulher muito inteligente e divertida. Até falei para ela “você seria uma ótima jornalista” pela forma como ela aborda as pessoas sem amarras e vergonha.

A Sede passou por reformas, mas sua forma pacata continua a mesma. Cida explica que não aparece estranhos, só o responsável. “Aqui não pega o telefone, aqui não tem internet. Prometeram que iriam colocar e não colocaram.” Perguntei porque ela estava morando ali e responde: “na cidade só tem barulho e briga, pelo menos ali no Quirinópolis. Deus me livre.”

Quando fomos embora, o casal pediu uma carona para nós, pois não tinham como chegar à cidade de Quirinópolis, onde o caseiro precisava pegar um dinheiro de um trabalho e resultados de exames de saúde. Deixamo-nos em um entroncamento na rodovia e dali pediriam carona para seu destino.

Para ver mais fotos e vídeos, **[clique aqui. \(Não se esqueça de ligar o som e mudar a qualidade dos vídeos para 720\)](#)**

Riverlândia



O distrito de Riverlândia do ponto da estrada a caminho da Sede. Acervo Pessoal

“Parecia mais uma corrutela²⁰ de cidade pequena” – vovó Elza

“Vim enterrar o umbigo aqui. Estudava fora, ia pra Goiânia...morando aqui. Mas sempre voltava” – Primo Clóvis

A 67 km de Rio Verde e próximo a Santa Helena de Goiás, o pequeno distrito de Riverlândia tem cerca de 800 habitantes e foi criado em 1961, mas um decreto municipal não resume toda sua história anterior. Em seu entorno, passa o Rio Cabeleira, no qual meu pai e os habitantes da região nadavam, se estendendo antes da GO-501, no município de Paz, desaguando no Rio Verdão, em Maurilândia. Fica a 243 km de Goiânia. De Riverlândia para Goiânia, passa-se em Santa Helena.

É um lugar muito pacato, com apenas um colégio Estadual, uma igreja, a subprefeitura e alguns comércios locais. Não há grades nas casas. É uma cidade que entorno acontece o agronegócio, com garagens de veículos utilizados nas plantações.

Enquanto estava no avião a caminho de Goiânia, na minha primeira viagem em maio, pronta para decolar, um jovem pai de família de Rio Verde comentou que Riverlândia é área de plantio, “não tem nada”, mas que o terreno vale muito e que o Rio Cabeleira continuava potável.

Depois da visita na Sede, fomos até o distrito de Riverlândia. Já era 12:30. Tia Tereza estava doida para rever um dos parentes e amigos que moram no local. Chegando ao pequeno local – com toda a certeza muito menor que o bairro do Ipiranga – encontramos um senhor sentado na única praça do distrito muito bem cuidada, na área central.

Damião Jerônimo da Silva, 65, há 12 anos mantém a praça impecável, mas está praticamente aposentado. Tereza intervém e fala para ele continuar, porque cuida muito bem da praça. Damião responde que “comer, dormir, ficar de boa, só andar, é bom demais”. Nascido em Riverlândia, pretende ficar lá. “Nunca pensei em me mudar daqui, é bom demais, é tranquilo. Não tem roubo, não tem nada. Pode dormir de porta aberta.” O senhor fala que sua família inteira mora lá, com exceção de dois filhos, que estão em Rio Verde. Eu pergunto sobre a ausência de um posto de gasolina. Pela resposta, percebo que é uma das maiores reivindicações da população do lugar. Eles têm que abastecer em outro lugar e é tudo caro. O único posto de gasolina que tinha, era de um

²⁰ Pequenos povoados isolados que servem de refúgio aos viajantes, tropeiros

dos irmãos da minha avó, mas com o desvio da rodovia, ficou insustentável mantê-lo e fechou.

Sobre o trânsito populacional, os mais jovens vão para a cidade – geralmente Rio Verde - trabalhar e estudar, porque o serviço ali é limitado. Muitos voltam quando aposentam. O jardineiro mostra que a cidade cresceu, mas o equivalente a poucas quadras. Tia Tereza pergunta onde morava seu primo Clóvis e uma outra conhecida. Damião sabe de quem ela fala e indica os locais. Enquanto tivemos essa conversa, apenas um carro passou bem devagarzinho pelas ruas da praça central.



A praça de Riverlândia que o senhor Damião mantém em dia. Acervo Pessoal

O pequeno distrito é cortado pela Rodovia Estadual de Goiás 527, ou Sul Goiana – trecho que antes de eu ter ciência da história, parecia ser apenas criado para passar na região de Riverlândia, entre as rodovias GO-501 e a GO-164. Mas, a Sul Goiana era antigamente a via principal, porém construíram a BR-452 que a substituiu e deixou a cidade abandonada. A GO-527 nem pavimentada é. “A sul goiana GO-527 passava aqui. Eles não queriam dividir as terras, tinha amigos importantes em Goiânia: o governador do Estado”, conta Marinalva Aide, 74, moradora de Riverlândia. Eu pergunto se ela queria que a cidade crescesse, ela responde que sim, “rodovia trás progresso.” A transferência aconteceu nos anos 70.

Mas seu marido pensa diferente. Casados há 58 anos, primo Clóvis, 84, é da família. Primo da minha avó e da tia-avó Tereza. Nascido na roça próximo ao distrito, ele não tem medo da cidade acabar e não pensa em morar em outro lugar. “Acaba não [a cidade]. Tá melhorando. Gosto de pouquinha gente. Não tem jovem, só tem velho. Por isso que acho bom.” O casal, que se conheceu em Riverlândia, afirma que a cidade nunca foi maior, os moradores são pessoas mais velhas ou aposentadas, “um céu para os aposentados” e por isso eles estão ali há cinco anos, depois de arrendarem suas terras, ação comum entre os moradores no entorno. Primo Clóvis diz “quem planta é jovem, os velhos arrendam”. As pessoas dali não vendem seu terreno, porque querem garantir um lugar ao aposentar. Tia Tereza informa que quem passa pela Sul Goiana, ou mesmo, vai para Riverlândia, são pessoas que têm fazenda na região ou algum parente.

Um dos fundadores do distrito faz parte da minha família. Alcalino, tio de tia Tereza. Nem ela sabia, ficou surpresa quando ouviu. Marinalva disse que a região era tudo dele e ele foi vendendo. O nome do distrito surgiu por sua localização ser entre Rio Verde e Uberlândia. “River” de Rio Verde e “lândia” de Uberlândia.

Primo Clóvis lembra que, aos seus 16 anos, meu avô Sebastião foi visitar minha avó Elza. “Um moreninho, né.” Sebastião foi almoçar na fazenda de um dos tios de Elza e Clóvis. Foram apenas duas visitas para Riverlândia em toda vida.

Rio Cabeleira

Na volta do distrito de Riverlândia para Rio Verde, conheci o famoso Rio Cabeleira através de outra ponte na rodovia GO-164, já que a do povoado estava em obras. Famoso rio que originou o nome da Fazenda em que minha avó nasceu.

Em meados da década de 40, havia garimpo na área localizada na sua confluência com o Rio Verdão, o que originou o município de Maurilândia.

A primeira vez que meu pai foi para Riverlândia, há 60 anos, ele causou preocupação na família. Fazia quase oito anos que minha avó voltava para sua origem depois de casada e de ter mudado de estado. Já na partida rumo Cuiabá, a criança de sete anos havia sumido. “Seu pai uma vez se perdeu da gente, quando fomos visitar a fazenda em Rio Verde.” Minha avó continua: “estávamos indo embora e Adelson voltou e foi tomar banho no rio. Ele queria nadar. Todo mundo ficou procurando por ele e um conhecido nosso apareceu segurando sua mão falando que o achou lá e que meu pai

queria ver o córrego. O sujeito o viu sozinho, cuidou dele, pegou e levou-o pro portão da Fazenda. Adelson gostava de ficar olhando as coisas.” Até hoje meu pai é assim. Toda vez que vamos para Cuiabá ou um local com muito verde, ele fica observando tudo. Vovó ainda afirma que dentro do quintal da “Sede” tinha uma piscina grande, mas eles gostavam de tomar banho no córrego, com água corrente.

Não era só meu pai que gostava de tomar banho no Cabeleira. Minha tia-avó Tereza também.



O Rio Cabeleira. Acervo Pessoal

Vídeo do Rio Cabeleira [aqui](#).

Santa Helena de Goiás

Município goiano com área territorial de 1.128 km², com população estimada em 38.492 segundo o último censo de 2022. Minha avó e suas irmãs percorriam o trajeto de quase 40 km até a cidade. Tia Tereza afirmou que se locomovia de ônibus em estrada de terra para frequentar os bailinhos que tinham na cidade. Local forte em agropecuária, plantio de arroz, banana e café nos anos 50 e 60, já foi considerado a capital do algodão e também a segunda maior economia do Estado de Goiás. Desenvolveu-se graças à migração de trabalhadores nordestinos, mineiros e paulistas do norte do Estado no período de 60 a 80.

Passado um tempo, a família foi se distribuindo pelo centro-oeste: minha avó conheceu meu avô, que era cuiabano e este a levou para morar em Cuiabá, onde meu pai e meus tios nasceram e cresceram. Porém, boa parte da família foi para Rio Verde e outra para Goiânia, para trabalhar ou estudar.

Prima Jeane afirma que “tem até prédio em Santa Helena” enquanto no distrito de Riverlândia, nem sinal de celular pegava há um tempo. Creio que seja por conta da proximidade a Rio Verde e pelo fato da rodovia que foi construída posteriormente passava por Santa Helena e não mais por Riverlândia, fazendo com que a cidade não desenvolvesse muito.



Minhas tias-avós e amigas em Santa Helena nos anos 50. Acervo Pessoal

Alto Paraguai



Vista da cidade de Alto Paraguai (MT) em 1953. Faludi, Stivan; Speridião, Faissol. IBGE

“Do Alto Paraguai gurizada era tudo assim, dos 13 aos 14 anos, por aí. Ele era mais velho do que eu dois ou três anos e nós nos conhecemos lá.” - encontro do meu avô Otávio com meu avô Sebastião no garimpo

Município com 11.587 habitantes, o qual era o mais próximo e com mais infraestrutura que o sítio Mangavalzinho da família da minha avó, no distrito do Bom Jardim. Como meu avô materno explicou, essa cidade cresceu por conta do garimpo desde 1728, que passou por dois ciclos exploratórios, sendo o mais recente datado em 1938. A corrutela chamava-se Gatinho por conta de uma onça ou jaguatirica que aparecia no córrego próximo aos trabalhadores. Foi um distrito de Diamantino que conquistou a patente de município em 1953.

Meus dois avôs estiveram nessa região, na mesma época, pelo garimpo. Reconheceram-se 40 anos depois, quando meus pais começaram a namorar. [Áudio aqui.](#)

*Sítio Mangavalzinho, distrito de Bom Jardim, município de
Nobres*



Pequena Capela no distrito de Bom Jardim. Sidnei Mendes

“Papai fazia chegava com um peixe, peixão enorme e repartia os pedaços e mandava a gente levar para os filhos e parentes”. – Tia Rita

Minha avó Lina não estava tão isolada em seu sítio, pois seus parentes moravam todos ali. Por conta disso, muitos primos casaram-se entre si. “Era avó, era irmã, porque éramos em 15. Quando me entendi por gente, já tinham umas quatro casadas e com filhos e tudo morava perto. Um bocado de gente morava lá; uns tinham gado, outros já não tinham, mas moravam e criavam algum bicho e trabalhavam na roça.”, explica Tia Rita, uma das filhas mais novas. O sítio Mangavalzinho fica no distrito de Bom Jardim, subordinado ao município de Nobres, a 120 km de Cuiabá. Nobres era uma passagem entre Cuiabá e Diamantino, no ciclo do ouro. Hoje tem população estimada de 15.332, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021.

O local que Lina nasceu ainda existe, mas não como era antes: hoje a região virou um ponto turístico para a entrada para o Parque Estadual Gruta da Lagoa Azul com muitas pousadas. Bem diferente da realidade de 80 anos atrás. Minha mãe confirma

que Nobres agora vive do turismo, porém “era uma cidade muito feia, muito pobre, não tinha asfalto, não tinha nada. Era terra vermelha pura com muita poeira.”

Mesmo com a expansão turística, a situação é precária. No distrito de Bom Jardim, a 65 km de Nobres, a internet até chega a funcionar, mas não funciona a rede de telefone, porque não tem torre. “Aqui já uma comunidade grande, tem mais de mil habitantes. E, no entanto, não colocaram nenhuma torre de celular de nenhuma operadora. Aí temos que ficar nas proximidades do wi-fi.” Na comunidade tem farmácia, mercado, destacamento da polícia - não tem delegacia; a delegacia é na cidade de Nobres -, igreja, “esse é o que mais tem: uma católica e três evangélicas, como a Assembleia de Deus”, afirma primo Sidnei.

A região viveu alguns momentos históricos como a Coluna Prestes²¹, que passou por lá em 1926. “A gente chamava de 'revortosos'. Porque iam de fazenda em fazenda tomando as coisas das pessoas, batiam nos donos dos terrenos, matava vaca, gado. Matava o que eles queriam matar” explica Rita. Ela e Sidnei falam que bisa Helena foi poupada porque estava grávida, mas sua prima eles fizeram carregar panela quente na cabeça. Lá no sítio estão enterrados meu tataravô Joaquim Mendes, meu bisavô Tomé Mendes e seus irmãos.

Bom Jardim foi uma sesmaria: meu tataravô Joaquim Mendes, depois que casou com a Germana, recebeu 3.600 hectares de terra de seu sogro. “Essa terra Joaquim dividiu entre os filhos, cada um foi morar num canto ali, tudo meio perto um do outro. Depois é que eles foram mudar para a área do sítio Mangavalzinho. As sesmarias eram dadas para os colonos pela Coroa de Portugal, então não precisava da pessoa comprovar renda. Mas não quer dizer que ele era rico.” disse o também professor de geografia Sidnei.

Perguntado ao professor Tiago Kramer, doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo autor de pesquisas sobre a História do Brasil Colonial, ele afirma que nem todas as pessoas que formavam fazendas e roças eram pessoas ricas e influentes e que é preciso recorrer a uma gama de documentos para encontrar elementos que permitam compreender a diversidade dos ambientes rurais e dos sujeitos que os habitavam. “O historiador encontra diante de si um grande desafio quando estuda a estrutura agrária de uma região no período colonial, pois muitas terras não eram concedidas por sesmarias e, por outro lado, muitas vezes o único registro que temos da

²¹ Foi um movimento político-militar brasileiro ligado ao tenentismo que contestava o regime oligárquico da República Velha percorrendo o interior do Brasil.

existência de uma pessoa é o seu nome em uma concessão de sesmarias. (...) Dessa forma é possível perceber, no caso específico de Goiás, a existência de grandes propriedades rurais escravistas, tanto para a criação de gado, quanto para a produção de alimentos. Assim como é possível identificar a presença de livres pobres, muitos deles descendentes de uniões entre brancos, negros e indígenas.”

Cuiabá

“Quando caiu o Império, a Proclamação da República demorou 24 dias para chegar a Cuiabá. Iam de burro. Inclusive, no dia 8 de dezembro de 1889 fizeram um baile em homenagem ao Império e ele já estava na Europa.”- Ailton



Jornal A Gazeta de 12 de dezembro de 1889, anunciando a Proclamação da República com dias de atraso. Foto: René Dióz / G1

“Meu tio-avô, nos anos 30, demorou 30 dias para chegar de Goiás para Cuiabá, vinha de carro de boi. Por causa da dificuldade, nunca mais retornou a Goiás.” – Adelson

“Eu tive um amigo em São Paulo, ele era de um grupo de luta armada contra a Ditadura. Ele fugiu de lá e veio para Cuiabá. Chegou aqui, ele ficou na casa do Governador. Cuiabá era um Vilarejo, era um nada. Quando chegava alguém de fora ‘bem-vindo.’ ” – Ailton

Essa era a realidade de Cuiabá até os anos 70, antes dos planos de povoamento e desenvolvimento para a capital promovidos pela ditadura militar, que veremos no capítulo a seguir.

Cidade na qual meus pais nasceram. Cuiabá é o centro geodésico da América do Sul. Cidade fundada a partir da corrida do ouro, no século XVIII. Tem pouco mais de 650 mil habitantes pelo Censo de 2022 divulgado pelo IBGE. Conhecida por “Cidade Verde” - epíteto criado por Dom Aquino -, apesar de que, na penúltima vez que fui lá, em 2017, retiraram todas as árvores ao longo do caminho para a construção do Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT), que hoje em dia está abandonado, uma das promessas de infraestrutura para uma das cidades escolhidas como sede da Copa do Mundo de 2014.

A cidade foi fundada após o bandeirante Pascoal Moreira Cabral descobrir ouro nas margens do Rio Coxipó, em 1718.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Acervo Pessoal

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é um dos marcos da fundação da cidade. Fundada por volta de 1730, às margens da igreja foram encontradas

as maiores minas que impulsionariam a corrida do ouro e a colonização de Cuiabá, as “Lavras do Sutil”.

Meu avô fez parte da história de Cuiabá, principalmente do bairro em que ele fundou: o Boa Esperança. Recebeu a honraria de primeiro morador do bairro da prefeitura de Cuiabá, além do livro escrito por Ailton em que ele foi entrevistado para ajudar na construção da memória do local. “Quando cheguei, só tinha minha casa lá”, fala a minha avó Elza.



Da esquerda para a direita: avó Elza, tia Heliane (no colo), avô Sebastião, tia-avó Anezia; abaixo, da esquerda para direita: tio Edson e meu pai. Na década de 1960, na casa do bairro Boa Esperança, Cuiabá. Acervo Pessoal

As primeiras pessoas do bairro foram meus avôs e a família do Seu Quinco, graças à venda dos terrenos por preços acessíveis de Edgar Vieira. Com o desenvolvimento do bairro começaram outros comércios além do meu avô como restaurante, salão de beleza, posto de gasolina. E a migração de militares gaúchos e funcionários públicos de todo Brasil, através da ajuda do governo para povoar o centro-oeste. “Então quem vinha para Cuiabá vinha para o Boa Esperança. Porque era aqui onde tinha espaço. O bairro foi criado por causa da agregação de migrante em função de um projeto de ocupação da Amazônia brasileira partindo de Cuiabá”, afirma Ailton Segura.

Quando perguntei para meu avô Otávio, pai de minha mãe, se Cuiabá sempre foi quente, ele respondeu "toda vida" e "40 graus é só uma época. De setembro para dezembro, será quente. Quando começa a chover bastante, vai refrescando." Ele ressalta que a capital tinha mais árvores. "Mas inventaram de fazer negócio de 'carro' [VLT] e derrubaram as árvores do centro todinho. Tá uma briga entre prefeito e governo e tá parado. Aí esquentou mais a cidade." Meu avô, morador do Araés desde os anos 70, sempre gostou de plantas. Ele plantou, há 40 anos, as duas árvores em frente de sua casa. "De manhã chove de carro querendo essa vaga. Plantei porque por toda vida gostei de planta" e citou as plantas que cuida. Minha mãe lembra que quando era criança, tinha um quintal muito espaçoso, coisa que seus vizinhos já não poderiam dizer o mesmo. Seu tio comprou o terreno e o deixou inutilizado, virando um quintal bastante rico para a família: "meu pai criava galinha, tinha pé de coco, goiaba, caju, mas o forte era o pé de manga. Eram vários tipos de manga sem nenhum pé repetindo" e enalteceu que a manga é a fruta mais querida da capital.

Minha mãe não se lembra da ditadura. Recorda apenas que foi construída a Escola Estadual Presidente Médici no seu bairro nesse período, que levou o desenvolvimento para a região, pois canalizaram e cimentaram as ruas. "Nossa era a edificação mais linda que eu já tinha visto na minha vida. O piso inclusive na época era Paviflex, que brilhava de longe, o piso era branco. Nossa, era muito linda a escola. Uma coisa assim bem monumental no nosso bairro, que era um bairro que a maioria das pessoas era de classe média baixa."



Praça Alencastro. Luiz Castro/Prefeitura de Cuiabá

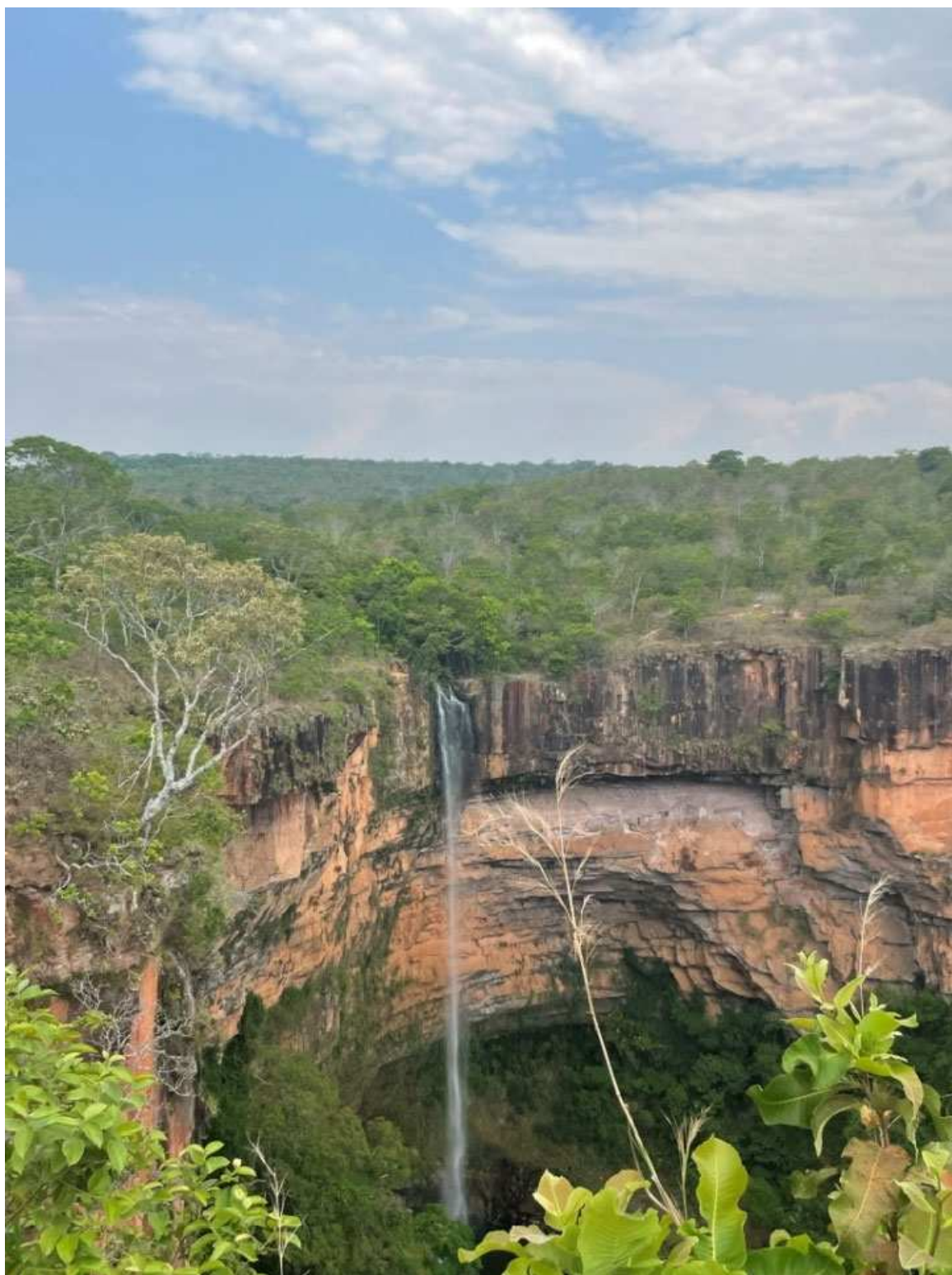
“Quando cheguei aqui e tava no quartel, para passear só tinha a praça Alencastro, a região do Porto, a praça Ipiranga e o cinema, Cine Teatro Cuiabá, um dos mais velhos que tem. Assisti muito filme lá. Passava filme antigo de faroeste, só passava filme norte-americano”, relembra meu avô Otávio. Minha mãe também disse que seu entretenimento era a mesma praça Alencastro, que seu pai frequentava e o centro da cidade no geral. “A gente ia passear muito nessa praça, todo mundo se juntava ali, tinha uma fonte luminosa. Era muito bonita.”

Existem as expressões “cuiabano de ‘tchapeacruz’ - sem sotaque, ‘chape e cruz’ – e “cuiabano de pé rachado” nas quais designam os residentes autênticos. Minha mãe fala que muita gente já perguntou se em Cuiabá tinha onça, preconceito que minha prima Júlia já vivenciou também em Goiânia.

Quando pergunto para meus pais e meu avô sobre a transformação da cidade, todos dizem que mudou muito. Existem “duas” Cuiabás: a velha, no centro antigo e a nova, na Avenida do CPA. “A cidade era antigamente chamada de “Cidade Verde” e de verde, a cidade não tem mais nada”, finaliza Helena.



Aúdio Vovô Otávio explicando a foto



Véu de Noiva na Chapada dos Guimarães, local turístico próximo a Cuiabá. Acervo Pessoal

Para mais fotos de Chapada dos Guimarães [acesse aqui](#).

O cuiabano tem espírito poético.

Capítulo 5

O brado dos migrantes

“Como eram na época as estradas, como é que vocês faziam para se locomover?”

- Era na base do caminhão. Vinha de Campo Grande aqui de caminhão, na carroceria. É um tipo de pau de arara, vinha misturado com mercadoria. E daqui [Cuiabá] para Alto Paraguai, Nortelândia, vinha em cima do caminhão, não tinha ônibus, não tinha estrada. Tudo de terra. Era assim o transporte humano. Aí que depois surgiu o asfalto e logo em seguida veio o ônibus.” – Otávio dos Reis

“Tio Estevão, o irmão mais velho da Tia Lina, trabalhou um bom tempo no garimpo, na região de Arenópolis, divisa com Nortelândia. Os filhos e o marido da Tia Rita trabalhavam junto com ele.” – Sidnei Mendes

“Eu acho que nessa época [anos 70] foi quando os paulistas começaram a ir para Mato Grosso.” – Helena Mendes

“O garimpo, a pecuária, agricultura de forma extensiva e a exploração da poaia que era um forte. Muita gente migrava para aquela região [Rio Paraguai]. E o garimpo fortaleceu bastante (...) – Sidnei Mendes

As falas anteriores retratam a paisagem e a realidade da região centro-oeste dos anos 20 até os anos 70. Arriscaria dizer que alguns deles até antes, séculos. Elas em separado não explicam todo o contexto de desenvolvimento e migração, mas todas são uma parte pelo todo.

Era uma região isolada de tudo, com estrada de terra, locomoção via lombo de animais. Alguns anos depois, nos anos 40, era através de caminhões de pau de arara. As migrações geralmente eram locais, muito por conta de minas de diamante da região de Goiás e Mato Grosso. Então, um indivíduo saía muitas vezes do estado goiano e se locomovia para o Mato Grosso, em busca de oportunidades e vice-versa. Tudo era muito parecido: pequenos povoados, pequenas cidades, famílias que produziam o auto-sustento com hortas ou até fazendeiros com agricultura e pecuária extensiva. Por ser algo local, dificilmente havia investimento em estradas.

Vargas, com a Marcha para o Oeste, visou ocupar a região central. Os resultados foram pequenos povoados com agricultura extensiva, pecuária local de migrantes pobres. O Brasil já sofria pressão internacional por conta do vazio demográfico e JK construiu Brasília. A realidade retratada acima mudou drasticamente com o surgimento da capital federal no eixo central. Mas mesmo assim, ainda não era suficiente: na Ditadura foram construídos Planos de Desenvolvimento para realmente alavancar a região e colonizar o vazio do sertão.

Capital do Brasil e sua importância

“...entre os paralelos de 15° e 20° havia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: ‘quando vierem escavar as minas ocultas, no meio destas montanhas, surgirá aqui à terra prometida, vertendo leite e mel; Será uma riqueza inconcebível’”
(BOSCO, Dom, 30 de agosto de 1883)

Sonho de Dom Bosco que muitos acreditam referir-se a Brasília.

Um rascunho da ideia de ocupar o interior do Brasil já vinha sendo tracejado: José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da Independência do Brasil, defendia, já em 1823, que a capital do Brasil deveria ser no interior, próximo às margens do Rio São Francisco e também argumentava pelo desenvolvimento do povoamento no local.

“As instruções referiam-se ainda á erecção de uma cidade central para capital, na latitude mais ou menos de 15 °, como o melhor meio de povoamento do interior e de circulação do commercio interno do « vasto imperio do Brazil >>; ao estabelecimento de uma direcção geral de economia publica, uma vez ligado o novo centro por meio de estradas ás varias provincias e seus portos de mar (...)”²²

Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro, já em 1877 foi até o interior e sugeriu o mesmo local que depois a Missão Cruls viria apontar. A partir de Uberaba (MG) levou 30 dias em um lombo de um burro até Formosa, em Goiás, e

²² LIMA, Oliveira. O movimento da independência (1821-1822) / Oliveira Lima. – Edição fac-similar. – Brasília: FUNAG, 2019, pág. 121

encontrou o local ideal para a construção da capital. O objetivo do diplomata era encontrar uma área que fosse apropriada para a colonização européia. Porto Seguro ressalta em carta, que capitais nos litorais têm uma maior facilidade de tomada por um país estrangeiro e que a comunicação seria facilitava através de estradas de ferro, com a capital residida no sertão. “Ao mesmo tempo uma capital central pode distribuir com mais igualdade, em diferentes raios, sua sollicitude. (...) Mas se a nossa missão for só conservarmos integro o território que era de nossos pais, melhora-lo o quanto possivel, a capital n’um lugar forte e central é a melhor.”²³

A primeira Constituição da República, do ano de 1891, traz um artigo sobre a criação da capital do país no interior:

Art.3º: “Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.000 quilômetros quadrado, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal” ²⁴

O ideal já estava ali, aliás, na própria Constituição. Em 1892 foram iniciadas missões para avaliar o local apropriado para a capital do país, chamada de Missão Cruls, nas quais foram comandadas pelo engenheiro belga, Luís Cruls. As expedições verificaram a topografia, condições climáticas, hidrografia, fauna e flora e demarcaram uma região de 14 km que julgaram apropriada.

Apenas a partir dos anos 40, mais de 100 anos depois que foi levantava a cogitação da mudança de sede, que Getúlio Vargas viria a idealizar a política de “Marcha para o Oeste” cujo objetivo visava o desenvolvimento e a integração da região central e norte com os demais estados, criando colônias de habitação com a presença de colonos humildes brasileiros, com o desenvolvimento de uma malha rodoviária. As colônias criadas de Dourados, ao sul de Campo Grande e de Goiás, ao norte de Goiânia entre outras atingiram o desenvolvimento populacional. Porém, um dos seus objetivos era desarticular latifúndios ali existentes para oferecer mais oportunidades aos pequenos produtores, o que não foi possível, e os novos povoados surgidos sofreram com a falta de suporte do governo.

²³ Id.

²⁴ Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil (De 24 De Fevereiro De 1891). Disponível em: <https://bit.ly/3N7fuAF>



Propaganda Getulista incentivando o projeto. Fonte: Brasil Escola Uol

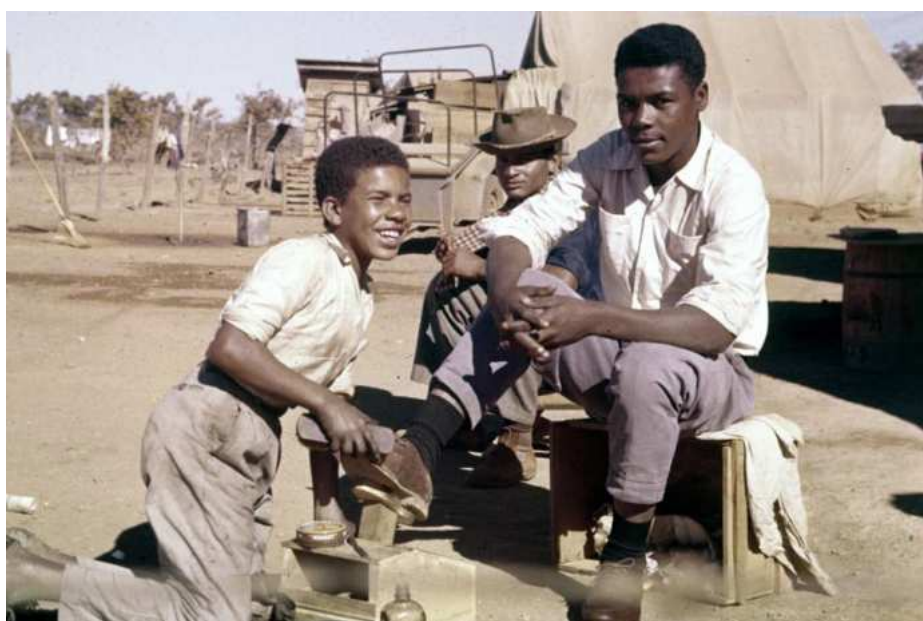
Continuando os planejamentos anteriores e o passo já dado por Getúlio Vargas, o presidente Juscelino Kubitschek (JK) decidiu criar Brasília. Foram diversos os fatores que o motivaram a levar o empreendimento para frente: ocupar o interior do Brasil, que era um vazio demográfico; tirar a capital brasileira do litoral para evitar uma tomada em uma eventual guerra; diminuir a pressão sobre o Governo Federal, por estar localizado em um lugar com grande foco demográfico (Rio de Janeiro); e por fim, cumprir o que a Constituição dizia. Apenas nos anos 60 que o Centro-Oeste passaria por grandes transformações demográficas e econômicas: a criação de Brasília, em 1960, viria a ser a capital brasileira - antes sediada no Rio de Janeiro -, onde muitos migrantes de diversas partes do país foram tentar a sorte nas terras novas.

Em 1969, o Distrito Federal passou a ser uma nova unidade político-administrativa-territorial. Em 1977, Mato Grosso foi dividido e, assim, foi criado o estado de Mato Grosso do Sul, com a capital em Campo Grande. Cuiabá manteve-se como a capital de MT. E em 1988, Goiás foi desmembrado, criando o estado mais recente brasileiro, o Tocantins, mais ao norte e pertencendo à região Norte do país.



Construção de Brasília. Arquivo Público

A criação de Brasília foi sem dúvida o divisor de águas para o desenvolvimento da região. Migrantes provenientes do sudeste, norte, nordeste e até de Goiás, viriam a construir a capital do país e se instalariam no local. Com isso, o antigo vazio demográfico passou a ser povoado e integrado às demais localidades do país.



Migrantes na construção de Brasília. Arquivo Público -DF

Os chamados candangos, migrantes provenientes principalmente do nordeste e norte, foram os responsáveis pela construção de Brasília. Homens que estavam buscando por oportunidades e novos começos, após a entrega da nova sede do país, foram marginalizados, estabelecendo-se nas chamadas cidades-satélites, como Ceilândia. Começou apenas com 256 trabalhadores em 1956, chegando a 64 mil pessoas, sendo desses 42 mil homens que faziam parte da construção civil, uma população de 55.737 de migrantes. A origem predominante dos candangos era dos estados mais próximos: Goiás (23,3%), Minas Gerais (20,3%) e Bahia (13,5%). Em termos regionais, os nordestinos eram os principais candangos (44%).²⁵

O pai de Marinalva Aide, esposa do primo Clóvis, é um migrante. Eram da Serra da Canastra, Minas Gerais e foram para o distrito de Riverlândia, em Goiás. Com 14 anos, logo que construiu Brasília, o pai dela foi para o centro-oeste procurar uma oportunidade de trabalhar em lavoura, pois era isso que ele sabia fazer. “Meu pai não tinha fazenda, era meeiro. Plantava e dividia metade com o dono da terra. Nessa época fazia arroz, milho. O algodão estava começando. Teve gente que perdeu fazendas e fazendas, não tinha descoberto inseticida [para algodão].” Hoje Marinalva está com 75 anos.

Ditadura e a ocupação amazônica

“Os militares estavam preparados para rasgar a floresta Amazônica e estabelecer os eixos que iriam materializar o lema ‘Integrar para não entregar’, definido como meta para o país em 1969 (...)”
(SEGURA, Ailton) ²⁶

Mesmo com a construção de Brasília e com os holofotes voltados para a nova capital do Brasil, o restante do sertão sofria pressão devido ao vazio demográfico que nele ainda havia. Não era uma pressão somente interna, mas principalmente externa.

²⁵ COSTA, Gilberto. Censo Populacional de 1959 revela quem eram os candangos que construíram Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/3Gk8bSj> Agência Brasil 2010.

²⁶ SEGURA, Aylton, Boa Esperança – bairro dos “paus-rodados” que vieram construir a Amazônia, Cuiabá, NASCCS, 2009

Com a ameaça dos estrangeiros à época da Ditadura – a exemplo do Projeto Jari e Operação Amazônia, da Volkswagen -, planos foram desenvolvidos como forma de marcação territorial. O território representava 22% do Brasil e continha apenas 4% da população em 1960. “Desse modo, a ocupação dessa área passou a ser uma referência de primeira grandeza dentro da estratégia de integração do território nacional durante o período da Ditadura Militar”²⁷

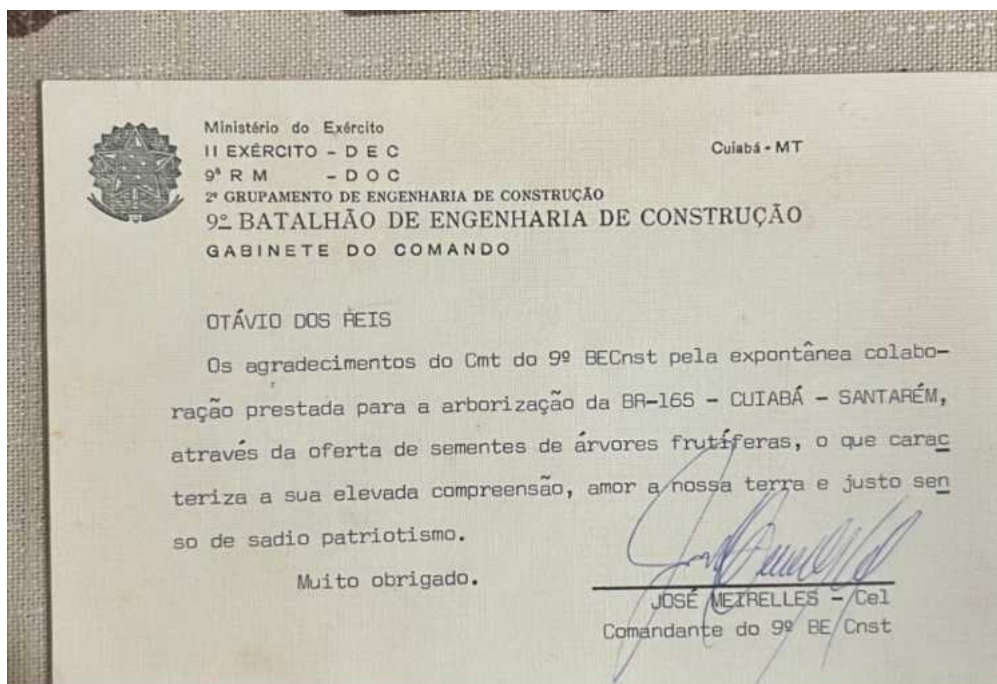
Estradas foram construídas para fazer ligações entre o sul econômico e a região norte. Mas havia outro interesse a mais: a região central também era o portal da ocupação amazônica.

Nos anos 70 e 80, em plena ditadura militar, estratégias e planos de governo foram lançados para finalmente inserir o Centro-Oeste na economia nacional. Agora o jogo virou: a região foi uma das poucas que cresceram em termos econômicos e demográficos, mesmo na profunda crise que assolou o país nos anos 80.

Algumas das ações governamentais que ajudaram foram: em 1967, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), com o objetivo de desenvolver a região central, com sua sede na recém-criada capital do Brasil, Brasília. Cabia a ela a elaboração de um Plano de Desenvolvimento Regional (PDN) e de promover economicamente e socialmente o desenvolvimento sustentável da região. Foi extinta em 1990 e voltou a existir em 2011.

Eixos foram feitos para o sertão como forma de integrar às demais áreas do país. E a ocupação demográfica se deu expressiva nas regiões às margens das malhas rodoviárias, colonização incentivada pelo Projeto de Integração Nacional (PIN). “Especialmente a BR-163 (Cuiabá-Santarém), artéria de sustentação do processo de colonização.” (ARBEX, Cap.4). Hoje em dia é uma das principais vias de escoamento de produção mato-grossense, cortando o Brasil de Norte a Sul através. Foi o PIN, que tinha como principal objetivo ocupar a região Amazônica durante a ditadura militar que também foi responsável pela construção da Cuiabá-Santarém (BR-163), Transamazônica, e reformas na Belém-Brasília e Brasília-Acre.

²⁷ CAVALCANTI, Marcelo Antunes; BARREIRA, Celene Cunha M. A., *Ações Da Sudeco No Desenvolvimento Do Centro-Oeste no Estado De Goiás*, 2011



Áudio vovô explicando.

“Nos anos 70, a política de valorização das áreas de cerrado, promovida pelo governo federal, incentivou o desenvolvimento da cultura de grãos para o mercado externo (...) a valorização agrícola das áreas de cerrado, combinada com a falta de terras disponíveis no sul do país, levaram agricultores sulistas (especialmente gaúchos), para a porção meridional de Goiás, atraídos pelas facilidades no financiamento na compra de lotes” (ARBEX, Cap.4). Não só Goiás, como em todo o Mato Grosso.

Por exemplo, em 1957 foi criado o Departamento de Terras e Agricultura em Brasília, como forma de assentar os agricultores. A preferência de público era pelos provenientes do sul do país já com experiência e terem um capital inicial de investimento em maquinário. O projeto não alcançou seu objetivo, pois havia uma preocupação maior em ocupar o vazio do que uma melhor seleção dos produtores. Em 1974, o governo novamente promoveu uma nova intervenção no processo de ocupação rural, resultando no desenvolvimento da agricultura local. Porém, não conseguiu manter a estabilidade e consolidar a ruralidade do Distrito Federal.

Miriam H. Zaar (2001) ressalta que o público alvo das políticas de incentivo foram os trabalhadores agrícolas originários principalmente dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, mas também nordestinos, mineiros e paulistas. “(...) foram trabalhadores agrícolas que encontravam-se em propriedades agrícolas inferiores as

necessárias à sua reprodução, ou que encontravam-se sem terras para cultivar. (...) Este processo se deu principalmente à medida que as fronteiras agrícolas, situadas na porção oriental do País, se esgotavam.” Destaca também que as principais rotas migratórias rurais foram a partir das décadas de 1960 e 1970 nos Estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás; e durante a década de 1980 na região Amazônica.

O exército planejou o *boom* da agricultura. Fizeram propagandas para agricultores sulistas e paulistas colonizarem o sertão. Vendiam hectares de terras improdutivas a preços baixos. Financiavam a compra de terrenos e material e pegava o terreno como garantia para emprestar para plantar. Havia um projeto de colonização. Financiaram uma colonização, do proprietário de terra do Sul de pequenas propriedades que foi para o sertão para pegar grandes glebas. Com os eixos abertos, surgiram suas fazendas.

Ailton explicando mais aqui.

“Para a efetivação desta ocupação o Estado se associou a empresas colonizadoras oferecendo-lhes áreas destinadas à ocupação. Às empresas caberia dividi-las em lotes rurais, montar uma infraestrutura mínima necessária, e encontrar compradores que se dispusessem trocar a área onde viviam com sua família, parentes e amigos por uma área nova, ainda desconhecida, mas que poderia lhe oferecer algumas vantagens. Entre elas, para os despossuídos de terra, a vantagem de possuí-la, e para os demais, a oportunidade de tornarem-se proprietários de áreas maiores.” (ZAAR, Miriam H., 2001)

Não era somente uma Universidade

Cuiabá foi uma das principais cidades do país que foi desenvolvida com o intuito de colonizar o espaço amazônico. Investimentos como a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), cujo objetivo era de estudar a região florestal; o bairro Boa Esperança abrigou os militares do 9º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) vindos do Rio Grande do Sul, que tinha o intuito de construir estradas ligando o norte-sul para sua ocupação implementando o PIN (Plano de Integração Nacional); e a Vila do Ipase

(Instituto de Previdência do Funcionalismo Público) que atraiu migrantes nortistas, mineiros com vagas de emprego para o funcionalismo público.

A partir do decreto do presidente Emílio Garrastazu Médici, assinado nos anos 70, permitiria a criação da UFMT que teria o propósito de formar a infraestrutura cultural e técnica da frente de penetração da Amazônia. (SEGURA, 2009) “... ela nasceu audaciosa para participar fortemente do desenvolvimento regional, calcada pela responsabilidade social de sua geoposição no País e na América. (..)” (SEGURA, 2009). Além do interesse de ocupação central, sendo o portal amazônico, também tinha sobre a localização próxima aos países latino-americanos.



Oscar Niemayer desenhou a primeira planta para o campus, mas como sua obra era cara, foi rejeitada. Vista aérea do símbolo da Universidade. Acervo Público

O governador do Mato Grosso, Pedro Pedrossian, passou na venda de meu avô anunciando o futuro, segundo meu pai, que estava também presente. “E de repente ele pegou uma banana do cacho. ‘Sebastião, essa região sua vai crescer pra caramba, não vai vender isso aqui, segura aqui que vai valorizar bastante’”, relembra Adelson.

Segundo Ailton Segura (2009) “Pelos ruas abertas por Edgar Vieira – dono dos lotes na Fazenda Boa Esperança, em Cuiabá – passaram as ações que convergiam, de forma combinada, para um mesmo ponto: a ocupação da Amazônia. Do lado dos militares o que se reproduzia aqui era a estratégia geopolítica que se revelava da maior importância a ponto de mobilizar tropas de Rondônia e de deslocar um batalhão experiente – 5º BEC - por 2km com caminhões e máquinas e uma missão: integrar o

território nacional para não entregar para a estrangeirada cobiçosa. A elite militar de 1965 saciava a vontade do Brasil de alterar o *status quo*, numa perspectiva de desenvolvimento capitalista, que adormecia por décadas.”

Sobre o bairro Boa Esperança, Segura afirma: “Assim, a vida no local ia sendo construída e criada na esteira de um projeto maior e invisível a olhos que não fossem os da estratégia maior de ocupação do Brasil.” (SEGURA, 2009) A população, sem saber, agia conforme os planos de desenvolvimento regidos pelos militares. O bairro de meu pai crescia organicamente.

Edgar Vieira era bem relacionado. Ficou sabendo que pelo 1º PDN estava destinado para Cuiabá ser uma Universidade da Selva, a “UniSelva”, que seria um daqueles projetos megalomaniacos da ditadura. Com um campus em Cuiabá e outro avançado com bases científicas em Aripuanã, na Cidade Científica de Humboldt, sendo seu objetivo “apontar alternativas não predatórias e o aproveitamento racional das potencialidades oferecidas pelo bioma amazônico” em sua ocupação. “A pesquisa seria o instrumento para o desenvolvimento da região e a preservação do ecossistema. Até mesmo as novas obras de infraestrutura teriam que se enquadrar aos conceitos estabelecidos na região para evitar danos sociais, econômicos e a destruição inútil das reservas naturais. Ideias atuais pensadas há mais de 40 anos - que não saíram do imaginário.” (SEGURA, 2009)

O objetivo era totalmente contrário ao feito da Transamazônica que provocou o desmatamento desenfreado e assassinatos de indígenas em seu processo. Infelizmente, a Cidade Científica de Humboldt não deu certo. Interesses estrangeiros em jazidas minerais na floresta; grandes grupos nacionais e internacionais empenhados na industrialização da madeira e na substituição das florestas por imensas pastagens e, como cita Segura, professores também não queriam ficar no meio do “nada”, fizeram com que um plano com grande potencial, ficasse apenas no sonho.

Migrações anos 80: Adelson Serra e Ailton Segura

Meu pai sempre foi estimulado a buscar por uma educação melhor através de seu avô Arthur, pessoa que cobriu a lacuna de estímulo intelectual que seu pai Sebastião não

pôde oferecer. Percebendo o potencial do neto, conseguiu uma bolsa de estudos em um colégio referência na “Cidade Verde.”

Meu pai fez Geologia por um ano e meio na UFMT e não terminou. Era um curso novo e não tinha muita infraestrutura. Foi até o Rio de Janeiro tentar engenharia em 77. Ficou pouco mais de um ano. Porém, antes de deixar Cuiabá, tinha prestado um concurso para a Justiça Federal e foi chamado. Resolveu voltar para a cidade e fazer direito na Federal.

Quando perguntei o motivo pelo qual o levou a ir para o Rio, ele disse que queria sair de Cuiabá, fazer um curso fora, em uma Universidade “séria” e tentar prestar engenharia também em São Paulo. Mas, indo mais a fundo, descobri que além do desejo de deixar Cuiabá foi pela morte de seu avô, descrevendo-o como “seu mentor intelectual”. Em minha análise, ele estava em um processo de luto.

Naquela época, para fazer as provas, a pessoa precisava se locomover até o Estado desejado. Hoje temos o ENEM que facilitou a vida de muitos estudantes.

Adelson prestou outro concurso e transferiu para São Paulo para fazer mestrado na PUC-SP, já que a Federal do Mato Grosso não oferecia pós-graduação. “Era para retornar para Cuiabá em dois anos. Quando chegou o ano de 1988 eu me casei. A minha mulher gostou da cidade e ela quis ficar e eu também gostava. Acabamos ficando em São Paulo.” Em 1994 meu pai passou no concurso para Procurador Federal. Hoje está aposentado.

Um adendo: em 1993 nasceu sua primeira filha. A escritora deste livro.

Finalmente iria conversar com o autor do livro sobre meu avô paterno. Estava muito ansiosa e levando meu pai junto. Eram muitos sentimentos misturados. Seria uma das poucas experiências de entrevista em campo que fiz, porque, com a pandemia, infelizmente tornou mais cômodo o processo de entrevistas à distância.

Chegando em seu apartamento, fomos recebidos pela esposa de Ailton, Ednice Gomes Segura. Meu pai a reconheceu na hora: foi sua amiga de infância do bairro. Então, parte da ansiedade se dissipou, pois meu pai não era totalmente um desconhecido, não era apenas mero filho do personagem do livro do autor. Dali em diante o jornalista contou curiosidades, indicou livros, falou sobre sua obra e relembrou a sua história pessoal.

Ailton é um personagem instigante. Discorda do jornalismo cabresto feito apenas para o mercado de trabalho. Acredita que somos contadores de história. Eu também acredito e acho que está em falta. Identifico-me nele. Não se importa com críticas, é um homem de gênio forte e com muita convicção. “Decidi não preparar jornalista para o mercado de trabalho. Decidi preparar jornalista para ser jornalista”, afirma o jornalista.

Fomos muito bem acolhidos em uma mesa farta de comida. Entre uns cigarros e outros, ficamos cerca de três horas em sua residência. Vimos o sol se pôr. Ele parecia muito satisfeito com a nossa presença e, também, por contar suas histórias. Foi fonte muito importante para este livro. Ailton é um verdadeiro mato-grossense apaixonado pela profissão que escolheu.

Ailton Segura fez o processo contrário dos meus pais. Nascido em Sorocaba, formado em jornalismo na Cásper Líbero, em 79. Por uma sugestão de um amigo, resolveu conhecer Cuiabá. “Em 1958, cheguei ao Choppão²⁸ e já me encantou aquilo lá. Era barato e frequentado por todo mundo. Você tinha o presidente do tribunal de justiça, de bermuda, conversando com o Zé da esquina, tudo na mesma mesa. E era enfeitado por um bando de goiana que vinha para cá para ir depois para os garimpos, que ainda eram ativos. Vi aquele ambiente e falei ‘São Paulo não tem isso.’”

Ele descobriu que a Folha de São Paulo estava precisando de um correspondente na cidade. Mas, o tempo que demorou a resolver as coisas na capital paulista e retornar para Cuiabá não foi suficiente: seu cargo de editor já tinha sido ocupado no período de apenas uma semana ausente. Felizmente a Folha ainda poderia lhe oferecer uma vaga e lhe deu a oportunidade de conhecer os 35 municípios da antiga divisão federativa – hoje são 141 - à época, porque o Governador Júlio Campos visitava aos fins de semanas as cidades e levava toda a imprensa junto. E gostou disso.

Fez o trabalho sobre a história de Vila Bela, onde foi o primeiro lugar do Brasil que o negro se libertou. Depois, foi trabalhar no governo. Novamente voltou para a Folha. Nos anos 90, com a intenção de ser professor no futuro curso de jornalismo na UFMT, decidiu ir para São Paulo fazer mestrado para poder lecionar. Mas seus planos não deram muito certo. Montou um jornal de bairro em Sorocaba, ficou um tempo no Diário Popular e conseguiu uma oportunidade novamente em Cuiabá após dois anos, na assessoria de imprensa do governador recém eleito, Dante de Oliveira.

²⁸ Choppão é um bar tradicional cuiabano desde 1974 localizado no centro

“O jornalismo era fraco. Tínhamos um projeto de fazer um curso, porque o jornalismo aqui era ruim para burro. Estávamos montando um curso para jornalista, independente do que fosse. Aquela coisa básica: quem, quando, onde, por que. O lide jornalístico. Nem isso [eles sabiam].” Logo em seguida, foi aberto um concurso na Universidade e não necessitava do mestrado. Segura passou, lecionou na Federal por 22 anos, montou um jornal laboratorial para o curso e há seis anos está aposentado.



Adelson Serra, cuiabano, e Ailton Segura, paulista: dois migrantes em mesma época com destinos diferentes. Acervo Pessoal

Capítulo 6

O agro e os “paus-rodados” atualmente

“No que pesem outras sutilezas sócio-econômicas e migratórias, o Centro-Oeste do Brasil foi colonizado duas vezes, ao longo de três séculos de História. Ou melhor, colonizado e recolonizado, em termos quantitativos, geoeconômicos. Da primeira vez, com os paulistas e com os emboabas primitivos. Da segunda vez, com os brasileiros gerais vindos para as fundações de Goiânia e de Brasília - às vezes antes disso – no séc XX.”

(BERTRAN, Paulo)

Esse cenário econômico só começa a mudar a partir da década de 70, quando principalmente produtores gaúchos e do oeste paranaense, com experiência no plantio de grãos, migram para o Centro-Oeste atraídos pelo baixo preço das terras e pelos incentivos do governo. Eles foram considerados os novos bandeirantes, buscando o seu Eldorado como alternativa ao esgotamento das fronteiras agrícolas no Sul e Sudeste.²⁹

“A densidade demográfica hoje é baixa. Mas o estado é bem ocupado. Eu viajei agora recentemente pelo Estado todo, você não vê vazio. Vê vazios, assim, grandes pastagens, plantações de soja, algodão. Mais nada. Mas tem alguém lá. Tem cidade lá. Grandes cidades, cidades monumentais, que o pessoal fala ‘cidades do agronegócio’. Cidades ricas.” – Ailton Segura

Hoje em dia é o local com maior taxa de migração interna no país, de pessoas do país inteiro. Mesmo não se equiparando a quantidade de migrantes com ocorreu no sudeste no começo do século XX, é a região que mais se desenvolve e sofre mudanças.

No Censo Demográfico de 2022 divulgados pelo IBGE em junho deste ano, o centro-oeste teve o maior crescimento populacional da última década, se comparado com as demais regiões brasileiras. Os números são de 1,23% ao ano, sendo a média do país de 0,52%. Isso se deve ao crescimento do agronegócio. O sudeste está inchado e as pessoas estão buscando mais oportunidades no interior. Em entrevista para o

²⁹ Agência Senado, *Brasília foi marco para expansão da fronteira agrícola*, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3QS1e28>

Metrópolis, o economista Felipe Serigati da Fundação Getúlio Vargas explica que se a economia de um local cresce, consequentemente o setor de serviços demandará mão de obra. Ou seja, com o aquecimento da economia gerada pelo agro, necessitará de empregos para cobrir a necessidade local. A pessoa não necessariamente trabalhará para o agronegócio, mas o emprego foi gerado por causa do universo que o agro gerou.

Perguntei ao historiador Tiago Kramer se a criação de gado nos tempos coloniais influenciaram na grande cultura de hoje. Ele respondeu que sim e não. “Sim, pois vista sob o prisma de uma história de longa duração, que perdura desde o período colonial aos tempos atuais, a expansão da pecuária é parte de um movimento de espacialização das atividades econômicas, (integradas ao desenvolvimento do capitalismo) em terras americanas, com consequências humanas e ambientais evidentes e cumulativas. Não, porque atribuir a um passado de quase três séculos a causa da atual estrutura agrária significa ignorar, por exemplo, as escolhas políticas posteriores que nos trouxeram até aqui.”

Ailton nomeou seu livro sobre o bairro Boa Esperança de bairro dos “pau-rodados”. “É o migrante. Vai andando e para na curva do Rio. Porque quem vinha para cá era o migrante e aqui era o único lugar que tinha espaço.” E por essa definição, emprestei o mesmo nome para este capítulo.

Capítulo 7

São Paulo, 26 de novembro de 2023

Percebe-se que o desenvolvimento do centro-oeste foi construído por muitas histórias pessoais em prol de um desenvolvimento de país. Desde a colonização até os dias atuais, a migração foi fator essencial para a formação da população centro-oestina. Portugueses, espanhóis, indígenas, goianos, mato-grossenses, mineiros, gaúchos, paulistas, brasilienses, nordestinos em busca de uma qualidade melhor de vida para suas famílias, foram atrás de um sonho de vida melhor. Sonhos são afáveis, abstratos, gratuitos, o único espaço que não há limites ou restrições.

Houve crimes de direitos humanos contra pessoas vulneráveis, como a escravização de indígenas e negros; a exploração desenfreada de recursos minerais e de pessoas, por objetivos de desenvolvimento apenas para poucos. Mas também, houve histórias de heroísmo, histórias reais de pessoas reais, que enquanto viviam suas vidas, faziam parte de um processo maior.

Este livro é ilustrado pela vida de pessoas comuns que fizeram parte de um processo de Brasil atual. A região centro-oestina é a que mais cresce em termos populacionais. Trata do tema de uma região que é esquecida na literatura, lembrada apenas pela agropecuária, desmatamento e o calor. Mas ali está o verdadeiro Brasil. Eu afirmo que as diversas migrações de pessoas provenientes dos mais diversos logradouros no decorrer da história regional foram base da formação cultural, histórica e política centro-oestina.

Uma coisa que me chama a atenção: a história é construída pelos homens. As mulheres seguiram os homens para onde eles desejavam ir, sem muito questionar, abandonando sua vida cotidiana. Ou foram deixadas para trás enquanto eles tentaram prover sustento de longe para sua família, ou simplesmente foram abandonadas, como mães solo. Minha avó, por exemplo, era professora. Ao conhecer meu avô, abandonou tudo, virou do lar e costureira. Mas, a certa independência que ela tinha quando solteira, também era uma ilusão: trabalhava com o que a sociedade permitia à época.

O livro tem como personagens meus familiares. Pode ter sido a história da minha família, mas sei que é uma metonímia: uma parte pelo todo, se tornando universal. Vemos que o sobrenome que geralmente é herdado também é dos homens. E a identidade da minha mãe, se perderá. Mas não deixarei isso acontecer.

Por fim, não devemos nos limitar apenas ao próximo, falar do mesmo. O trabalho buscou quebrar a bolha e ser o mais autoral possível. Conhecendo também o “estranho”.

O centro-oeste tem uma energia diferente.

Agradecimentos

Agradeço a todos que acreditaram em mim quando escolhi fazer o curso de jornalismo, este tema e um livro com um assunto um tanto preterido.

Agradeço ao meu orientador, José Arbex Júnior, por ter acreditado em mim durante este ano, por não ter me deixado desistir e me apoiado todo este tempo que nos conhecemos. Seu trabalho é uma inspiração para mim, obrigada pelos conselhos. Ao fim do seu livro sobre o centro-oeste, o senhor cita “mas se sua leitura serviu para estimular o debate, a reflexão e a crítica, e dessa forma contribuiu para com os esforços daqueles que lutam para preservar o patrimônio nacional, então teremos cumprido nosso objetivo.” Posso dizer que sou uma adepta de suas palavras finais.

Agradeço a professora Olga Brites e a Eliane Scardovelli que aceitaram fazer parte de mais um capítulo deste livro, que é a minha formação como pessoa e profissional. Vocês são duas mulheres inspiradoras nas suas áreas de atuação.

Agradeço ao professor e jornalista Ailton Segura e sua família por ter concedido boa parte do fundamento deste livro. Por sua hospitalidade ao me receber em sua casa, pela paciência, pelas informações e por ser um exemplo de jornalista.

Agradeço aos professores Anna Feldmann e Mauro Luiz Peron que sempre acreditaram em mim e me ajudaram na minha formação nesses dois últimos anos de curso. Obrigada pelos sábios conselhos, levarei para sempre comigo.

Agradeço a todos os meus amigos que cruzaram o meu caminho e que fizeram diferença na minha vida. Agradeço aos amigos antigos que cultivo até hoje, que me apoiaram nos meus momentos mais difíceis; aos amigos e futuros colegas de profissão que compartilharam dos mesmos dramas; aos amigos mais recentes, que minha consideração é tão enorme quanto; aos amigos de PUC que ficarão para sempre no meu coração. A todos que entenderam esse meu processo final, que seria difícil, que eu infelizmente não estaria presente em suas vidas por um período. E também, aos que não fazem mais parte atualmente da minha convivência, mas que em algum momento foram de extrema importância para mim.

Agradeço principalmente aos meus pais, Helena e Adelson, por terem acreditado em mim e investido na minha formação intelectual e pessoal. Por terem me estimulado a todo dia a buscar o melhor sempre. E agora é só o começo de uma jornada. Se não fosse por eles, não estaria hoje aqui. O tema de meu trabalho é em homenagem a vocês.

Agradeço aos meus irmãos, Renan e Vanessa, por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais felizes e difíceis. Só eles entendem certas situações. Seremos irmãos para sempre, independente do que acontecer.

Agradeço a Marta Silva e a Alice Baltar, que fizeram parte da minha vida nos últimos seis anos e me ajudaram a chegar onde estou, por terem me ajudado e não desistirem de mim. Muito obrigada!

Agradeço a todas as pessoas que aceitaram falar sobre suas vidas para a elaboração desta obra. Damião, Marinalva, Clóvis, Cida, Valdivino e tantos outros, muito obrigada!

E por fim, agradeço a todos os meus familiares que se desdoblaram para poder me ajudar na produção deste trabalho: principalmente minha avó Elza, meu avô Otávio, Tia Tereza, Tia Elizabeth, Tia Heliane, Gustavo Castro, Sidnei Mendes, à família Paiva, à família Serra, à família Mendes e conhecidos, amigos, ao professor Tiago Kramer, aos paulistanos, cuiabanos, goianos que ajudaram no percorrer deste processo.

Referências:

ARBEX, José, O Brasil em regiões - Rumo ao Centro-oeste, 2ª Edição, 1996

BERTRAN, Paulo, *História da Terra e do Homem do Planalto Central*, Editora: EDU-UNB, 2011

SEGURA, Aylton, Boa Esperança – bairro dos “paus-rodados” que vieram construir a Amazônia, Cuiabá, NASCCS, 2009

BEZERRA, Juliana. Formação do território brasileiro. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/formacao-territorio-brasileiro/> Acessado em 23 de Outubro de 2023

MAPA DO BRASIL – 1574. Disponível em: <https://igeo.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/mapas/263-mapa-do-brasil-1574> Acessado em 23 de Outubro de 2023

CORRÊA, Iran Carlos Stalliviere, *OS 515 anos do Tratado de Tordesilhas*, junho de 2009. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://igeo.ufrgs.br/museudetopografia/images/acervo/artigos/OS_515_ANOS_DO_TRATADO_DE_TORDESILHAS.pdf Acessado em 23 de Outubro de 2023

FILHO, Synesio Sampaio Goes, *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*, – Ed. rev. e atual. – Brasília : FUNAG, 2015

CABRAL, Umberlândia, *De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões*, IBGE, Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes#:~:text=A%20regi%C3%A3o%20Centro%2DOeste%20%C3%A9,milh%C3%B5es%20de%20pessoas%2C%2061%25>. Acessado em: 23 de Outubro de 2023

VELUT, Sébastien; THÉRY, Hervé, *Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai*», Terra Brasilis [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, consultado o 31 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1908>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1908>

KRAMER, Tiago, *A Paisagem Do Pantanal E A Ruralidade Nas Minas Do Cuiabá (Primeira Metade Do Século XVIII)*, Revista de História, São Paulo, n. 164, p. 161-194, jan./jun. 2011

KRAMER, Tiago, *Jogos Monetários Na Fronteira Do Império Português Produção Rural E Comércio No Centro Da América Do Sul (1716-1750)* , pág 244

*, Revista Territórios e Fronteiras V.1 N.2 – Jul/Dez 2008, Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT

KRAMER, Tiago, *Roças, Fazendas, Engenhos, Currais: Uma Cartografia da Ruralidade Colonial nas Minas do Cuiabá (Primeira Metade do Século XVIII)*, rev. hist. (São Paulo), n.

173, p. xx-xx, jul.-dez., 2015, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98800>

LUZ, Priscyla M.. "Mapa de Luís Teixeira, "Roteiro de todos os sinaes,..."". In: Base de Dados BRASILHIS: Redes pessoais e circulação no Brasil durante o período da Monarquia Hispânica (1580-1640). Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/pt-br/node/9707>. Data de acesso: 23/10/2023

SILVA, Hélio (2014a). *1964: Golpe ou Contragolpe?*. Porto Alegre: L&PM

LIMA, Oliveira. O movimento da independência (1821-1822) / Oliveira Lima. – Edição fac-similar. – Brasília: FUNAG, 2019

CAVALCANTI, M. A.; BARREIRA, C. C. M. A. Ações da Sudeco no desenvolvimento do Centro-Oeste no estado de Goiás. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 179-191, julho/dezembro 2011. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/16852>. Acesso em: novembro 2019.

ZAAR, Miriam H., A MIGRAÇÃO RURAL NO OESTE PARANAENSE / BRASIL: A TRAJETÓRIA DOS "BRASIGUAÍOS", Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788]

Nº 94 (88), 1 de agosto de 2001 Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn-94-88.htm>

Fundação Alexandre de Gusmão. Quem foi Alexandre Gusmão? Disponível em: <https://antigo.funag.gov.br/index.php/pt-br/quem-foi-alexandre-de-gusmao>

BERTRAN, Paulo, *O Cometa do Ouro*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130331195450/http://www.paulobertran.com.br/bertran/cometa.php>

IBGE

SILVA, Daniel Neves. "Marcha para o Oeste no Estado Novo"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/estado-novo-marcha-para-oeste.htm>. Acesso em 22 de novembro de 2023.

SEGURO, Visconde de, *A QUESTÃO DA CAPITAL : MARITIMA OU NO INTERIOR?*, 1877

DIÓZ, Renê, Notícia da Proclamação da República demorou 24 dias para chegar a Cuiabá, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/49VC6hp>

MATOS, Fábio, Como a força do agro explica o “boom” populacional do Centro-Oeste, 2023, <https://www.metropoles.com/negocios/como-a-forca-do-agro-explica-o-boom-populacional-do-centro-oeste>

Cuiabá – 44º Batalhão de Infantaria Motorizada, Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/cuiaba-44o-batalhao-de-infantaria-motorizada/#!/map=38329&loc=-15.590286000000008,-56.109024000000005,17>

Arquivo Nacional, Rodovia Cuiabá Santarém, 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2KosDJgezQw> Acessado em 16 de novembro de 2023)

Redação Globo rural, Disponível em: <https://globorural.globo.com/Noticias/Infraestrutura-e-Logistica/fotos/2016/10/br-163-completa-40-anos.html> Acessado em 15 de novembro de 2023

Romilson, Há 36 anos, Geisel inaugurava a BR 163. Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/blog-do-romilson/memoria-viva/ha-36-anos-geisel-inaugurava-a-br-163-veja-imagens-coloridas/32686> (Acessado em 15 de novembro de 2023)

Constituição Da República Dos Estados Unidos Do Brasil (De 24 De Fevereiro De 1891). Disponível em: <https://bit.ly/3N7fuAF>

Agência Senado, *Brasília foi marco para expansão da fronteira agrícola*, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3QSlE28>

COSTA, Gilberto. Censo Populacional de 1959 revela quem eram os candangos que construíram Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/3Gk8bSj> Agência Brasil 2010.

G1, Principal via de escoamento de MT, BR-163 completa 40 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/10/principal-de-escoamento-de-mt-br-163-completa-40-anos.html>. Acessado em 15 de novembro de 2023

Senado federal, Do quadrilátero Cruls ao patrimônio histórico e cultural da humanidade Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not02.asp>

Governo do Distrito Federal, CADERNO DO POLO AGROINDUSTRIAL DO RIO PRETO. Disponível em: <https://www.seagri.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Projeto-do-Polo-Agroindustrial-do-Rio-Preto.pdf>, 2022

Iphan, Varnhagen: a escolha do sítio de Brasília Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3556>, 2016

OLIVEIRA, Nelson, Brasília, 60 anos, Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/05/brasil-foi-um-marco-para-a-expansao-da-fronteira-agricola/04/brasil-60-anos-2014-candangos-na-construcao-da-capital>

Memorial da Democracia, os Candangos, Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasil/5>

ASSUNÇÃO, Haroldo Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/alta-floresta-comemora-47o-aniversario/visualizar>, 2023.

SILVA, Daniel Neves. "O que foi a Coluna Prestes?"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-coluna-prestes.htm>. Acesso em 27 de novembro de 2023

Portal Mato Grosso, De abundante a quase extinta, a poaia é pesquisada em Mato Grosso <https://portalmatogrosso.com.br/de-abundante-a-quase-extinta-a-poaia-e-pesquisada-em-mato-grosso/>, 2017

Município de Nobres, Disponível em: <https://www.nobres.mt.gov.br/Municipio/Historia-do-Municipio/>

FRANCO, Gilmar Yoshihara, Pelas páginas dos jornais: a imprensa e os embates pelo poder em Mato Grosso após a Proclamação da República, Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370991813_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2013corrigido.pdf, 2013.

SOARES, Denise, Busca por minas de ouro levou à fundação de Cuiabá há 294 anos, Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/04/busca-por-minas-de-ouro-levou-fundacao-de-cuiaba-ha-294-anos.html>, G1, 2013

G1 MT, Censo 2022: população de Cuiabá cresce 17,66% e ultrapassa 650 mil pessoas Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/06/28/cento-2022-populacao-de-cuiaba-cresce-1811percent-e-ultrapassa-650-mil-pessoas.ghtml>

5 Casas (Brasil, 2020, dir.: Bruno Gularte Barreto)

Elena (Brasil, 2012, dir.: Petra Costa)

Morangos Silvestres (Suécia, 1957, dir.: Ingmar Bergman)

CRUZ, Eliana Alves, A emoção de descobrir a origem da minha família negra em um país que ignora suas raízes africanas, The Intercept Brasil, 2019, Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/15/descobrir-origem-africana/>. Acessado em 19 de novembro de 2022.

FREITAS, Déia, EU QUEBREI O CICLO: ‘DESCOBRI NUM TESTE DE DNA QUE O SANGUE DERRAMADO NO PASSADO CORRE PELAS MINHAS VEIAS’, The Intercept Brasil, 2019, Disponível em: <https://theintercept.com/2019/07/25/descobri-teste-dna-passado-africana/>. Acessado em 19 de novembro de 2022.

KRAKAUER, Jon, Na Natureza Selvagem, Companhia das Letras, 1998,

LIMA, Paula, Mapeamento Genético permite conhecer o passado de até 8 gerações, Você S/A, 2021, Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/sociedade/teste-ancestralidade/>. Acessado em 19 de novembro de 2022

MACHADO, Roberta, Pesquisadores apresentam o mais completo estudo sobre o genoma brasileiro realizado até hoje, Estado de Minas, 2015, Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/07/01/interna_tecnologia,663770/a-historia-nos-genes.shtml. Acessado em 19 de novembro de 2022

MATIAS, Átila. "Região Centro-Oeste"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/regiao-centro-oeste.htm>. Acesso em 23 de junho de 2023.

